DOI: 10.12957/palimpsesto.2024.86912

Tradução do artigo "O mito urbano: um questionamento crítico do imaginário sociolinguístico das cidades como espaços de diversidade"

The translation of "The Urban Myth: A critical interrogation of the sociolinguistic imagining of cities as spaces of diversity"

Anderson Lucas da Silva Macedo
Universidade Federal Fluminense (UFF)
andersonlucasm@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-6552-2200

TRADUÇÃO

SCHNEIDER, Britta. The Urban Myth: A critical interrogation of the sociolinguistic imagining of cities as spaces of diversity. *Working Papers in Urban Language & Literacies*, n. 267, 2020. Disponível em: https://www.kcl.ac.uk/working-papers-in-urban-language-literacies.

APRESENTAÇÃO

O artigo original, intitulado "The Urban Myth: A critical interrogation of the sociolinguistic imagining of cities as spaces of diversity", de Britta Schneider (professora da Universidade Viadrina, Alemanhã) é uma investigação detalhada sobre a dinâmica das línguas e variedades linguísticas em diferentes contextos geográficos e sociais. Schneider explora como os fatores históricos, sociais, financeiros e políticos influenciam a homogeneidade e heterogeneidade linguística nas cidades e zonas rurais. Sua pesquisa desafia percepções comuns e tradicionais e oferece uma nova perspectiva sobre a interação entre língua e espaço, contribuindo significativamente para o campo da sociolinguística.

A tradução deste artigo para o português (que foi bastante desafiadora) teve como objetivo tornar acessíveis as importantes reflexões de Schneider para a comunidade científica brasileira. Durante o processo de tradução, foi necessário um cuidado especial

para manter a precisão dos conceitos e a clareza da argumentação original. Esta tradução visa não apenas disseminar o conhecimento, mas também fomentar novas discussões e pesquisas no Brasil sobre a relação entre língua, sociedade e espaço geográfico. Acreditamos que a tradução deste trabalho enriquecerá o debate acadêmico e incentivará os linguistas brasileiros a (re)considerarem suas percepções sobre a heterogeneidade linguística em diferentes contextos.

O mito urbano: um questionamento crítico do imaginário sociolinguístico das cidades como espaços de diversidade

Britta Schneider
(Universidade Viadrina)

RESUMO
Este artigo questiona criticamente o foco em "cidade" que tem caracterizado grande parte da pesquisa sociolinguística vigente. Além da incerteza sobre como definir "cidade", a suposição de que a densidade demográfica e a proximidade territorial dos usuários de diferentes recursos linguísticos (como é típico das cidades) necessitem de padrões linguísticos baseados no contato, nem sempre é plausível. O artigo apresenta teorias da antropologia linguística a respeito da relação entre língua, espaço social e criação de lugares. Essas teorias indicam que são as economias políticas particulares e as práticas institucionais relacionadas que causam as redes de interação e, portanto, contato - ou não contato - entre falantes de línguas diferentes, e não a proximidade territorial. Na terceira seção, apresentamos dados empíricos de diferentes contextos sociogeográficos que demonstram que os locais rurais podem ser bem diversificados, enquanto os contextos urbanos, apesar de apresentarem diversidade estatística, têm potencial para reproduzir padrões de homogeneidade em contextos específicos (o que implica que o termo "diversidade" deve ser especificado em relação a diferentes escalas sociais, como espaços sociais concebidos territorialmente, redes sociais ou práticas individuais). De modo geral, enfatizamos que (a) "a cidade" é um conceito nebuloso, cujos efeitos sobre a prática linguística precisam ser verificados empiricamente; (b) se entendemos por cidade ambientes densamente povoados que são discursivamente construídos como centros culturais da atividade econômica globalmente conectada (e que, nesta função, atuam como modelo cultural), podemos mostrar que tais lugares não só têm potencial para diversidade cultural e linguística, mas também podem fomentar padrões de segregação social e linguística; (c) uma construção acrítica das cidades como lugares onde a mistura linguística e o contato cultural ocorrem "por natureza" está epistemologicamente relacionada às ideologias linguísticas modernistas. Aqui, a pertença territorial é

normalmente concebida como definidora do uso da língua. Assim, além da atrativa "aura" (Spitzmüller, 2019) que conceitos como urbanidade e cidade implicam para os pesquisadores que os estudam, a celebração da "cidade" corre o risco de reproduzir paradigmas modernistas e essencialistas em menor escala, podendo apagar reproduções de homogeneidade - com as quais os acadêmicos podem estar cúmplices.

1- A Cidade como centro de diversidade sociolinguística: Problemas conceituais e apagamentos empíricos

A sociolinguística como disciplina, desde o seu início, tem uma inclinação particular para o estudo das línguas em ambientes urbanos. Do famoso estudo de Labov em uma loja de departamentos (Labov, 1972) aos trabalhos atuais sobre bairros superdiversos (por exemplo, Blommaert, 2013), o interesse pela diversidade linguística e sua relação com a estrutura social frequentemente se entrelaça com a ideia de que as cidades, com sua complexa estrutura populacional e potencial específico para contato linguístico, são lugares ideais para estudar as línguas em uma sociedade diversificada. Nas últimas décadas, o entusiasmo pela "língua na cidade" gerou um grande número de conferências, livros e artigos que, de uma forma ou de outra, tácita ou abertamente, focam os contextos urbanos como chave para a realização de pesquisas de ponta (Smakman e Heinrich, 2018b) e para o desenvolvimento de modelos inovadores de variação e mudança linguística, mistura e reconfigurações linguísticas como metalinguismo ou translíngua (ver, por exemplo, Canagarajah, 2013; Creese e Blackledge, 2010; García e Wei, 2014; Jørgensen *et al*., 2011; Pennycook e Otsuji, 2015). No entanto, como argumentarei neste artigo, permanece notoriamente vago o que realmente constitui "uma cidade" e, em segundo lugar, não está claro como o espaço urbano está relacionado aos padrões de contato linguístico. Ao mesmo tempo, a celebração da diversidade urbana corre o risco de apagar o fato de que esta demografia tem o potencial não apenas de possibilitar o contato linguístico, mas também pode, ao mesmo tempo, implicar segregação social e, portanto, isolamento linguístico e reprodução de formas linguísticas homogêneas. Ambos os padrões de diversidade e segregação fazem parte da composição sociolinguística urbana e sua existência está relacionada às estruturas da economia política, ou seja, práticas econômicas, discursos sociopolíticos relacionados e respostas institucionais, que é a afirmação central deste artigo.

Primeiramente, farei uma breve introdução ao discurso sociolinguístico atualmente popular sobre "línguas na cidade". Em seguida, apresentarei alguns trabalhos de geografia humana que demonstram porque o conceito espacial de "cidade" não é fácil de definir e oferecerei "insights" de teorias antropológicas linguísticas sobre a relação entre língua, espaços sociais e construção de lugares. Essas teorias argumentam que não é o espaço que impacta a língua, mas sim que as ideologias linguísticas atuam como mediação entre espaços sociais (imaginados como ligados ao lugar em uma era nacional), redes interacionais reais e práticas[1] linguísticas. Na terceira parte do artigo, apresentarei diferentes conjuntos de dados empíricos que ilustram como ambientes menores podem ser muito diversos, enquanto contextos urbanos têm potencial para práticas de segregação e homogeneidade (e talvez até mais do que os contextos rurais).

Tanto a presença de recursos linguísticos diversos em um lugar quanto o uso de formas homogêneas estão relacionados a histórias político-econômicas específicas, pois tanto o contato quanto o isolamento linguístico dependem de redes interacionais reais e da vida real. Essas redes estão interligadas com histórias político-econômicas e mediadas por ideologias linguísticas. Com base nisso, argumento, na quarta seção, que, para entender os padrões de contato linguístico ou de manutenção da língua (dentro ou fora das cidades), devemos evitar o argumento simplista de que "a cidade é diversa". Em vez disso, devemos estudar discursos sociopolíticos, incluindo aqueles que co-constroem "a cidade", as ideologias linguísticas associadas (que nós, enquanto linguistas, co-produzimos) e as redes interacionais reais que emergem em relação a elas. O entusiasmo pela "cidade" na sociolinguística é parcialmente explicável em termos da "aura" (Spitzmüller, 2019) que esse construto socioeconômico, como centro cultural, político e econômico, carrega.

2- Questionando a cidade como conceito e uma visão linguístico-antropológica da língua e da criação de lugares

[1] Uso o conceito de rede para me referir aos laços sociais dos indivíduos, que entendo estar intimamente associado ao conceito de comunidades de prática (veja, por exemplo, Holmes e Meyerhoff 1999). Quero focar conceitualmente os eventos de interação reais em que os falantes estão envolvidos, que considero como ocorrendo em redes interacionais e, portanto, prefiro aqui o termo rede ao termo comunidade de prática.

Atualmente, em muitos discursos sociais, é comum encontrar citações que afirmam que "vivemos agora em uma 'era urbana' porque, pela primeira vez na História, mais da metade da população mundial supostamente vive em cidades" (Brenner; Schmid 2014b, p. 731). Em grande parte das pesquisas sociolinguísticas recentes, os efeitos do desenvolvimento urbano são recebidos com entusiasmo, pois as cidades são celebradas como centros de diversidade linguística e contato linguístico-criativo: "Sociolinguisticamente, as cidades sempre foram lugares extraordinários. As pessoas da cidade entram em contato diário com estranhos que têm diferentes sistemas de crenças, normas de comportamento, rituais cotidianos e práticas linguísticas" (Smakman; Heinrich 2018a, p. 4). Também se argumenta, por exemplo, que o multilinguismo urbano é "um espaço criativo de criação linguística onde as regras e os limites são ultrapassados e alterados" (Pennycook; Otsuji 2015, p. 16) e, de modo mais geral, que "o crescimento da cidade tem sido fundamental para o desenvolvimento dos seres humanos" (ibid.: 141). Além das posições muitas vezes acríticas em relação ao papel dos centros urbanos na exploração capitalista mundial, nos danos ambientais e nas histórias de opressão colonial em muitos desses textos, como sociolinguistas, queremos entender como as construções sociais - entre elas, a cidade - e o uso linguístico se relacionam. Portanto, devemos considerar que há também outras tradições de estudo da língua na cidade, por exemplo, na dialetologia urbana. Nesse caso, foi sugerido que os falantes das cidades podem ser mais orientados para os padrões normativos do que os das áreas rurais (por exemplo, Kallmeyer 1987). Isso ilustra o papel das cidades no estabelecimento ou na reprodução da homogeneidade, que ficou um pouco fora de foco no atual louvor à diversidade multilíngue. Para compreender melhor a relação entre os lugares urbanos e a diversidade linguística, precisamos perguntar se a cidade é o que faz com que as pessoas interajam umas com as outras e se essas interações estão intrinsecamente ligadas à geração de mudanças nas regras e nos limites ou ao surgimento de formas fluidas.

Para entender o conceito socioespacial da cidade, é interessante considerar a disciplina da geografia humana, que se preocupa essencialmente com o estudo da construção de lugares humanos, tanto em termos discursivos quanto práticos. A geografia humana contemporânea está intimamente relacionada com a antropologia cultural e tem uma sólida tradição de estudar construções espaciais como vilas, cidades ou nações (para uma introdução, veja, por exemplo, Jonas, McCann e Thomas, 2015). Nestes estudos

socialmente orientados da construção de lugares humanos, o espaço é descrito como "a matéria-prima para a construção, pelas sociedades humanas, da paisagem ou, mais abstratamente, do lugar" (Johnstone 2009, p. 8) e "é através de modos de falar que surgem e evocam conjuntos particulares de ideias que as pessoas passam a compartilhar ou tentar impor ideias sobre o que os lugares significam e como se comportar neles." (ibid. 11)[2]. Esses 'conjuntos de ideias' sobre o lugar estão relacionados a discursos sociopolíticos sobre a ordem social que, se se tornarem dominantes, são materializados em instituições (por exemplo, fronteiras, passaportes, políticas linguísticas, currículos escolares, etc.). Acadêmicos preocupados com o estudo de culturas espaciais, portanto, argumentam que o espaço geográfico é "mediado por práticas políticas" (Gal 2009, p. 33).

O discurso sobre o urbano na geografia humana é complexo e contestado, e este artigo não é o lugar para apresentar todas as diferentes posições nesses debates disciplinares. Todavia, é seguro dizer que não há uma definição consensual sobre o que constitui, de fato, 'uma cidade'. Na realidade empírica, as definições governamentais de cidades divergem fortemente. Assim, segundo Brenner e Schmid (2014), 109 estados membros da ONU aplicam apenas critérios administrativos (por exemplo, a presença de instituições particulares), mas o tamanho da população é irrelevante. Em contrapartida, em 98 estados membros da ONU, o tamanho da população é o único critério, sendo que os números reais para definir 'urbanidade' diferem. Neste caso, o número de habitantes varia de 100 (Uganda) ou 200 (Islândia, Suécia) a 10.000 em Benim e Itália (veja ibid.: 741). Isto posto, é interessante observar que, no discurso sociológico, as cidades têm sido definidas com base em sua posição nas redes econômicas globais, como locais centrais no desenvolvimento de mercados e comércio (Sassen, 1994)[3], mas não em termos de suas características geográficas, arquitetônicas ou demográficas.

Além dessas diferentes abordagens para definir a urbanidade, a questão que distingue os lugares rurais e urbanos não está resolvida. Porém, é certo que "as formas como conceituamos 'urbano' e 'rural' são fortemente condicionadas por uma série de discursos (institucionais, públicos, da mídia)" e que esses discursos são "profundamente

[2] Observe que alguns estudiosos conceituam a relação entre esses dois termos de forma inversa, de modo que o espaço é descrito como o elemento socialmente construído e o lugar como concreto e material (Smith; Low, 2006).

[3] Consulte https://worldmap.harvard.edu/maps/europeoutlinemap sobre a ligação das rotas comerciais e cidades do Império Romano à Idade Média na Europa, que ilustra as inter-relações das redes de comércio e o desenvolvimento da urbanidade na história europeia.

ideológicos" (Britain 2017, p. 171). Há uma teoria da geografia humana que problematiza a dificuldade conceitual de distinguir urbanidade e ruralidade, trata-se do conceito de "urbanização planetária" (ver, por exemplo, Brenner e Schmid 2014a, Derickson 2015, Merrifield 2012). Aqui, a urbanização é equiparada ao desenvolvimento capitalista e às redes econômicas resultantes. Argumenta-se que todos os lugares (tanto urbanos quanto rurais) são nós em um processo de urbanização hiper-redeado e abrangente. O que antes era conceituado como "rural" é aqui descrito como o "backoffice" da sociedade urbana que fornece, por exemplo, comida ou relaxamento para a clientela urbana (Derickson 2015, p. 648).

> Essa situação de urbanização planetária significa, paradoxalmente, que até mesmo os espaços que estão muito além dos núcleos urbanos tradicionais e das periferias suburbanas - desde as rotas marítimas transoceânicas, as redes rodoviárias e ferroviárias transcontinentais e as infraestruturas de comunicações mundiais até os enclaves turísticos alpinos e costeiros, os parques "naturais", os centros financeiros offshore, as zonas de captação agroindustrial e os antigos espaços "naturais", como os oceanos, os desertos, as selvas, as cadeias de montanhas, a tundra e a atmosfera do mundo - tornaram-se partes integrantes do tecido urbano mundial (Brenner; Schmid, 2011, p. 13).

Sem nos aprofundarmos nas vantagens e desvantagens conceituais dessa ideia (e aqui ignorando o problema do que distingue a urbanização planetária da boa e velha globalização[4]), podemos argumentar que a fronteira entre urbano e rural é instável. Além disso, uma visão crítica sobre a relação entre ambientes mais e menos densamente povoados, entendendo que essas relações constituem uma rede, abre nosso olhar para o fato de que pequenas moradias raramente são autossuficientes e isoladas, mas estão profundamente integradas às economias políticas globais. Muitas vezes, essa integração de ambientes não urbanos implica mobilidade, diversidade e contato (mostrado, por exemplo, no trabalho de Britain sobre padrões linguísticos em ambientes rurais, como exemplificado abaixo e apresentado em Britain, 2019), de modo que a dicotomia urbano-rural é conceitualmente importante, mas não necessariamente indicativa do comportamento linguístico. Como Britain argumenta, embora possa haver tendências diferentes em áreas urbanas e rurais, não devemos superestimá-las.

[4] Agradeço a David Britain por apontar esse problema com a noção de "planetarização urbana".

> [...] poderíamos encontrar tendências fortes com bastante razoabilidade (por exemplo, a difusão de inovações linguísticas se originando em áreas urbanas; redes mais fracas encontradas em metrópoles heterogêneas e móveis; forças linguísticas conservadoras sendo mais evidentes em áreas rurais). No entanto, precisamos simplesmente reconhecer que essas são apenas tendências. Os tipos de redes sociais fortes que muitas vezes são usados para justificar o conservadorismo linguístico rural podem estar presentes em áreas urbanas. Afinal, os modelos de rede social em sociolinguística, e especialmente o papel das redes fortes na manutenção da língua e do dialeto, basearam-se em grande parte em pesquisas em grandes centros urbanos, muitas vezes partindo do conceito da "aldeia urbana" (Milroys) (Britain, 2009, p. 232).

Para entender as práticas linguísticas atuais, no entanto, não basta dizer que também podemos encontrar diversidade nas aldeias. Como a antropologia linguística demonstrou de forma convincente, a coabitação territorial não é necessariamente um fator que explica fenômenos de interação ou contato. Um observador pioneiro do fato de que, mesmo onde há interação de pessoas que vivem " lado a lado ", a segregação social pode levar à evitação de adaptações linguísticas, é Gumperz, que argumenta que...

> Em sociedades altamente estratificadas, falantes de línguas minoritárias ou dialetos tipicamente vivem lado a lado, comerciando, trocando serviços e muitas vezes mantendo contato social regular como empregador e empregado ou patrão e servo. No entanto, apesar desse contato, eles tendem a preservar suas próprias línguas, sugerindo a existência de normas sociais que limitam a liberdade de intercomunicação. A compartimentalização reflete essas normas sociais (Gumperz, 2001 (1968), p. 72).

Para aprofundar ainda mais a compreensão de como as economias políticas, os conceitos sociais e a prática linguística interagem e impactam na 'compartimentalização' ou no contato, recorro ao trabalho da antropologia linguística sobre ideologias linguísticas. Aqui, foram desenvolvidas teorias sobre a relação entre língua, espaço social e criação de lugar que argumentam que as ideologias linguísticas mediam entre construções sociais mais amplas, imaginações de lugar e a interação e uso linguístico reais (Gal, 2009; Gal; Woolard 2001; Irvine; Gal, 2009). Isso implica que economias políticas específicas e as práticas institucionais relacionadas interagem com o surgimento de ideologias linguísticas. Juntas, essas ideologias influenciam a formação de redes de interação e, consequentemente, o contato (ou a falta de contato) entre falantes com

diferentes recursos linguísticos. Semelhante às afirmações de Gumperz mencionadas anteriormente, nessas teorias, a proximidade territorial não é vista como o fator principal para o contato linguístico e mudança, nem para a formação de comunidades e homogeneidade linguística. Ao contrário, as construções sociopolíticas moldam as comunidades sociais, e estas têm uma relação dialética com as ideologias linguísticas (que, por sua vez, influenciam o comportamento linguístico). As construções sociopolíticas/ideológicas e linguísticas da comunidade implicam relações específicas com o espaço geográfico real. Por exemplo, nas epistemologias nacionais, as comunidades são consideradas linguisticamente homogêneas e residindo em um único território. A ideia de que territórios abrigam usuários dos mesmos recursos linguísticos e que a compartimentalização linguística se baseia na compartimentalização territorial (e não, por exemplo, na desigualdade social) é, portanto, um conceito ideológico linguístico específico, entrelaçado com os conceitos de comunidade da era do Estado-nação.

No contexto ocidental, a construção sociopolítica do Estado-nação como unidade étnica, política e territorial é crucial para compreender as ideologias linguísticas dominantes, e frequentemente naturalizadas, nos discursos sociais hegemônicos da atualidade. Esses discursos, tipicamente, não questionam a imaginação dos Estados-nação como entidades monolíngues. Mesmo no discurso acadêmico, é comum encontrar a suposição acrítica de que o mundo está "naturalmente" dividido em nações, sendo estas conceitualizadas como residentes em territórios claramente demarcados e como possuidoras de cultura e idioma claramente identificáveis. Essa falácia epistemológica é hoje referida como nacionalismo metodológico (Wimmer; Schiller, 2002). Em muitas abordagens das ciências sociais e linguísticas, o desenvolvimento histórico da suposta homogeneidade das nações não é explicado de forma detalhada, e pressupõe-se que a diversidade, mas não a homogeneidade, requer explicação (o que é questionado criticamente, por exemplo, por Pennycook 2010). A ideia de que o mundo consiste em categorias socioespaciais delimitadas e inequívocas faz parte das epistemologias modernas ocidentais, que, mesmo diante de realidades sociais complexas, têm a tendência de construir categorias discursivas sólidas e inequívocas, minando a processualidade, as relações transterritoriais, a ambivalência e a mudança ao longo do tempo (sobre epistemologias da modernidade e da modernidade tardia, ver, por exemplo, Bauman, 2012, Beck, Bonss e Lau, 2003, Schneider, 2017a).

Na construção socioespacial modernista da nação, as ideologias linguísticas do monolinguismo são um elemento intrínseco. Assim, o nexo "one nation-one territory-one language" constrói uma relação particular entre língua, grupalidade e território, que é um discurso que tem sido extraordinariamente bem-sucedido tanto nas esferas sociais quanto acadêmicas (para perspectivas desconstrutivistas sobre isso, veja, por exemplo, Heller e Duchêne, 2012, Irvine e Gal, 2009, Makoni e Pennycook, 2007). Em outras palavras, na era do nacionalismo, encontramos uma ideologia de grupalidade que está vinculada a uma construção de lugar territorial, onde esse lugar é entendido como ligado a um tipo particular de prática linguística. Essa ideologia linguística faz a mediação entre a construção sociopolítica da nação e a prática linguística real (veja Gal, 2009, para uma análise muito mais elaborada dessas relações, metáforas conceituais e formas alternativas de imaginar relações entre laços sociais e territórios geográficos).

Considerando tais perspectivas, fica claro que não há uma conexão direta entre espaço territorial e língua. No estudo de língua e sociedade, lidamos com a relação entre construtos sociopolíticos, potencialmente espaciais, e atividades, ideologias e práticas de língua. E, particularmente em contextos culturais contemporâneos, tardios e pós-nacionais, é bastante óbvio que o acesso aos recursos linguísticos não seja explicável apenas pelo local de residência. Portanto, mesmo que eu more na mesma rua, ou, no caso de um prédio, no mesmo edifício que indivíduos que usam recursos linguísticos diferentes dos meus, isso não significa que eu interaja regularmente com eles, a menos que nos encontremos em contextos institucionais (por exemplo, escola) ou por motivação particular (por exemplo, comunidades de prática específicas) (veja Stevenson 2017 para um estudo sobre a diversidade linguística na escala de um prédio de apartamentos em Berlim[5]). As práticas individuais de interação dependem das redes sociais das quais os falantes participam, não do ambiente territorial em que vivem. Curiosamente, se assumirmos que as redes sociais (no entendimento tradicional do termo segundo Milroy, 1987) definem o uso individual da língua, localidades geográficas com densidade

[5] Outro nível que talvez precise ser considerado são os conceitos culturais sobre o comportamento linguístico em ambientes públicos entre estranhos. As expectativas sobre como os vizinhos conversam entre si diferem de acordo com o contexto (e podem ser diferentes em diferentes ambientes culturais, bairros ou casas) - minhas observações podem ser influenciadas por viver em um ambiente em que a comunicação entre vizinhos é normalmente limitada a uma palavra de saudação ou a um aceno com a cabeça. Foi sugerido que esse comportamento é típico da vida na cidade (Simmel 1903), mas seria necessário um estudo empírico para confirmar isso.

demográfica elevada podem ter ainda mais potencial para compartimentalização e segregação social do que moradias menores. Há um maior potencial para redes segregadas e socialmente especializadas onde há mais pessoas, mais locais de encontro (por exemplo, bares ou restaurantes que representam estilos de vida específicos) e mais instituições como escolas (por exemplo, com conceitos educacionais específicos) ou clubes comunitários.

Embora possa haver apenas uma escola, um “pub” e uma igreja em um vilarejo, em um contexto urbano um indivíduo pode escolher entre diferentes instituições desse tipo. Dessa forma, em ambientes urbanos, um indivíduo pode ter acesso a redes mais numerosas, mas também mais especializadas. Ainda que isso aumente a diversidade em termos de quantidade de redes diferentes e a probabilidade de indivíduos participarem de redes distintas, cada rede possui maior potencial de uniformidade. Para ilustrar isso com um exemplo, podemos pensar em um “pub” em um vilarejo, onde todos os moradores se encontram. Já os pubs nas cidades costumam ser diferenciados de acordo com a idade, classe social e estilo de vida da clientela. Portanto, faz sentido distinguir cuidadosamente as observações sobre diversidade em relação às perspectivas territoriais, práticas individuais, formação de rede e convenções de rede.

No geral, isso demonstra que, embora o espaço físico, concreto não defina a afiliação e prática linguística, as construções discursivas de lugar são fundamentais para a compreensão das ideologias linguísticas. Além das construções de urbanidade e ruralidade, o conceito territorial do Estado-nação desempenha um papel particularmente relevante. Em muitos contextos discursivos e práticos, concepções nacionais de grupo e práticas linguísticas tradicionais orientadas para a nação são centrais para o surgimento ou a reprodução de laços de rede. Isso é válido mesmo quando os grupos nacionais não residem no território nacional "original". Foi demonstrado, por exemplo, que a origem nacional comum é frequentemente central para o estabelecimento de redes de migrantes (veja, por exemplo, Bauer e Zimmermann, 1997). Em relação à língua, essas redes de migrantes podem ter atitudes nacionalistas e conservadoras, avaliando negativamente suas próprias práticas, frequentemente afetadas pelo contato linguístico, e de acordo com os padrões nacionais tradicionais existentes no país de origem (para um exemplo de falantes de turco na Holanda, veja Doğruöz e Gries, 2014). De modo geral, as construções de lugar continuam sendo centrais nos discursos de pertencimento, e os indivíduos muitas

vezes se sentem emocionalmente ligados a lugares específicos (ver, por exemplo, Scannell e Gifford 2010). No entanto, em uma era de mobilidade e práticas comunicativas transnacionais, as redes territorialmente fundamentadas e as construções sociopolíticas de pertencimento nacional ou étnico interagem cada vez mais com outros tipos de construções sociais, como, por exemplo, práticas relacionadas ao trabalho, interesses de estilo de vida (o que Blommaert, 2018, chama de 'comunidades de conhecimento'), religião ou comércio, mas também laços familiares transnacionais e multiétnicos. Normalmente, isso resulta em policentricidade, ou seja, múltiplos pontos de orientação de prestígio (ver, por exemplo, Blommaert, 2010), onde não apenas a fala das elites nacionais é considerada como modelo. Isso não significa, entretanto, que os discursos tradicionais de pertencimento se dissolvam e, em alguns casos, podem se tornar ainda mais fortes, como reação aos padrões de globalização ou por causa de seu emaranhado com outras construções de hierarquia social, como ordens sociais racistas ou baseadas em classes (ver, por exemplo, o aumento do sentimento nacionalista na maioria das sociedades europeias globalizadas).

Em vez de uma projeção simplista da cidade como um espaço de diversidade, a consideração dos laços de rede, locais e não locais, seu fundamento político-econômico e as ideologias linguísticas associadas permitem uma compreensão mais complexa da diversidade linguística (por exemplo, em um lugar, em uma rede e nas práticas de falantes individuais). A seguir, apresento quatro exemplos que ilustram que, em primeiro lugar, a interação nas redes e as ideologias linguísticas explicam padrões de contato linguístico (independentemente do tamanho da moradia) e que, em segundo lugar, essas redes interacionais e ideologias linguísticas estão relacionadas à economia política. Os exemplos vêm de um ambiente rural (uma vila em Belize, América Central), dois considerados urbanos (Berlim e Colônia, Alemanha) e um exemplo de uma comunidade transnacional e desterritorializada. Vemos aqui que a diversidade é bem possível em moradias pequenas, enquanto a demografia urbana, além dos padrões de diversidade e fenômenos de contato linguístico realmente existentes, pode ter um potencial particular para segregação social e forma homogênea. Os exemplos servem como ilustrações e não devem ser entendidos como estudos completos (embora o exemplo 1 e 3 sejam baseados em projetos maiores, aos quais se faz referência nas respectivas seções).

3. Estudos intersetoriais de língua, lugar e economia política

3.1 Heterogeneidade em um povoado: Efeitos da urbanização planetária

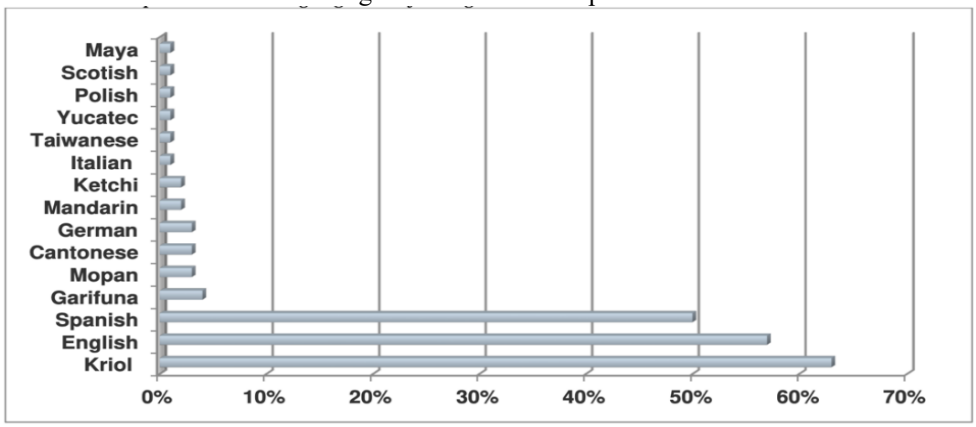
O primeiro exemplo para ilustrar as inter-relações entre economias políticas, ideologias linguísticas e lugar é baseado em um estudo etnográfico conduzido em Belize, América Central. A pesquisa de campo foi realizada principalmente em uma vila situada em uma pequena ilha com 1.500 a 2.000 habitantes, dependendo da estação (é um ambiente turístico com trabalhadores sazonais) e ocorreu por três meses em 2015 e duas semanas em 2017. Foi acompanhado por observações em ambientes online de Belize (mídia tradicional (TV, rádio) e mídia social) de 2012 a 2019. Belize é um ambiente altamente multilíngue onde o uso de línguas e o pertencimento étnico não são congruentes, pois a maioria das famílias é transculturalmente heterogênea. Isso faz com que muitos indivíduos não possam ser claramente identificados - ou se identifiquem - como pertencentes a um determinado grupo étnico. É comum que os indivíduos usem recursos linguísticos que os linguistas classificariam como pertencentes a três ou quatro idiomas diferentes diariamente. O objetivo do estudo geral era entender os padrões de uso da língua e as ideologias linguísticas onde as línguas[6] e a pertença étnica não se relacionam de maneira direta. Isso é concebido como acessar a construção da ligação entre o linguístico e o social e para entender como as línguas são discursivamente construídas onde conceitos nacionais de ordem social e linguística não são hegemônicos (Schneider, 2017b, c e Schneider, 2019, para detalhes sobre o embasamento metodológico e teórico).

Do ponto de vista linguístico, a vila é altamente diversificada. Com base em questionários aplicados aleatoriamente a 10% da população nas ruas, que solicitavam o uso de línguas em diferentes domínios (família, amigos, trabalho) e incluindo apenas

[6] Observe que o termo língua é usado aqui para se referir a construções discursivas que evoluem em processos históricos de discurso; consulte também, por exemplo, Le Page & Tabouret-Keller 1985, Makoni & Pennycook 2007 (sobre a noção relacionada de translíngua, consulte, por exemplo, Canagarajah 2013, García e Wei 2014; para uma discussão crítica, consulte Jaspers 2017).

pessoas que vivem permanentemente na ilha, pode-se afirmar que a maioria dos residentes usa recursos linguísticos classificados como provenientes de mais de uma língua.

Tabela 1: Uso da língua materna relatado pelos residentes da vila



Como podemos explicar esse grau de diversidade em uma pequena aldeia? É evidente que a diversidade linguística não é algo particular das cidades. A formação particular da presença de recursos linguísticos neste local é explicável em relação à macroestrutura político-econômica. Apresentarei brevemente alguns dos eventos e processos políticos e econômicos relacionados à presença de recursos linguísticos diversos neste contexto, o que também explica por que existe intenso contato linguístico entre vários grupos de falantes (para detalhes, veja Schneider "em preparação": Cap. 3).

1) *Colonialismo* - Belize é um lugar onde piratas britânicos encontraram populações maias e colonizadores da Espanha antes da época da colonização oficial (veja Shoman 2011 para uma excelente visão da história política de Belize). A luta pelo território de Belize entre europeus de ascendência britânica e espanhola começou antes de Belize se tornar uma colônia da coroa britânica (em 1862) e as animosidades discursivas entre falantes de inglês e espanhol continuam até os dias de hoje, pois os belizenses hoje não lutam contra os espanhóis, mas temem ser anexados pela Guatemala (ver ibid.). Juntamente com o fato de Belize ter sido uma colônia britânica, essas lutas reforçam o papel do inglês como língua oficial em Belize, que, em termos demográficos, é dominada pelo espanhol (veja também Weston 2015 sobre outros contextos onde a língua do antigo colonizador é elogiada em face de um terceiro oponente político).

Outro impacto muito relevante no discurso linguístico belizense foi o desenvolvimento do kriol, uma língua crioula com léxico inglês que chegou a Belize por meio de escravos vindos de portos jamaicanos. O kriol belizense e o patois jamaicano são semelhantes, e os belizenses relatam que o patois jamaicano é inteligível para eles (sobre o kriol, veja também Decker, 2013, Escure, 2013). O kriol é hoje considerado o amado índice da identidade belizense e é uma língua franca oral altamente popular, embora não seja a primeira língua para a maioria dos belizenses. De acordo com o mito nacional, as relações entre senhores de escravos e escravos em Belize não eram tão cruéis como em outros lugares, o que pode ter algum fundamento empírico potencial, pois a economia belizense nunca foi baseada em plantações, mas no comércio de mogno. Para cortar mogno com eficiência, os escravos precisavam estar equipados com ferramentas pesadas. Segundo as narrativas nacionais (veja, por exemplo, Edgell, 2007 para uma representação literária), escravos e senhores tinham que trabalhar lado a lado, e os senhores precisavam se certificar de não serem atacados por seus escravos. Hoje, os belizenses se orgulham de uma relação menos hierárquica entre 'negros' e 'brancos', o brasão nacional retrata um trabalhador de pele clara e outro de pele escura, e há relatos históricos de que a mistura de famílias – e com ela, a ascensão de pessoas com tons de pele escura a posições sociais de liderança – se tornou uma norma já no século XIX (WILK, 2006). Pode-se supor que as fronteiras indefinidas entre o inglês e o kriol, que apresento com mais detalhes abaixo, estejam relacionadas a essa situação particular de formação paralela de prestígio de falantes de inglês e de kriol no cenário nacional de Belize.

2) *Laços transnacionais, baseados em guerra, comércio regional e economia dos EUA* - Outro aspecto político-econômico que contribuiu para a diversidade linguística em Belize é a Guerra das Castas do México, ocorrida em meados do século XIX. Lutas brutais entre colonos espanhóis e populações mestiças e maias levaram à chegada de muitos imigrantes a Belize e presume-se que, desde então, a maioria demográfica das pessoas que residem em Belize fala espanhol (entre outras línguas maias, principalmente o iucateque) (ver, por exemplo, Bulmer-Thomas 2012, Wilk 2006, p. 73). Os falantes de espanhol, no entanto, não moravam no centro político de Belize (o distrito de Belize com a antiga capital, Belize City) e continuam a ser discursivamente construídos como "estrangeiros", mesmo onde são numericamente dominantes. O mesmo também se aplica

à aldeia em que me concentro neste estudo, na qual os refugiados da Guerra das Castas do México foram os primeiros residentes permanentes e ainda são importantes no conselho local da aldeia e formam uma espécie de elite[7] social local.

Outros laços transnacionais de Belize baseiam-se no fato de Belize, devido à sua história colonial britânica, ser membro da Commonwealth e ser considerada parte do espaço cultural caribenho. O sistema educacional é regido pelo Conselho de Exames do Caribe. Isso implica que os belizenses sentem que Belize faz parte de um espaço crioulo transnacional. Além disso, Belize tem laços econômicos muito fortes com os EUA - há tradições de importação e exportação muito ativas, o sistema bancário de Belize faz parte do sistema americano (o dólar de Belize está diretamente atrelado ao dólar americano, de modo que efetivamente Belize não tem sua própria moeda), estima-se que um terço da população belizense tenha deixado Belize nas décadas de 1970 e 1980 para morar nos EUA e houve até mesmo movimentos políticos (de curta duração) que visavam tornar Belize um estado dos EUA (ver Wilk, 2006). O papel dominante do inglês em domínios oficiais como educação, comércio e mídia é reforçado por tais relações.

3) *Padrões de comércio internacional na economia local* - Também no nível da aldeia local, as atividades econômicas são claramente responsáveis pela diversidade linguística. A elite social mencionada acima era formada por famílias que compraram a ilha quando chegaram como refugiados mexicanos. Tais famílias eram originalmente falantes de espanhol e iucateque. Na década de 1960, os moradores da ilha começaram a profissionalizar suas atividades de pesca e passaram a vender seus peixes e lagostas diretamente para os Estados Unidos e fundaram uma cooperativa (ver também Gomoll, 2003). Para fins administrativos de organização da exportação, tiveram que lidar com a administração nacional de Belize e, portanto, tiveram que interagir com falantes de kriol e inglês. O status do kriol como 'língua de Belize' já havia sido estabelecido na década de 1970 (veja o estudo seminal de Le Page e Tabouret-Keller, 1985) de modo que se

[7] Isso não significa que não existam outras elites ao mesmo tempo, como os norte-americanos ricos, por exemplo, que compraram casas de frente para a praia. Há diferentes tipos de "elitismo", relacionados a escalas locais, nacionais ou transnacionais, que podem se cruzar no terreno local das relações sociais na aldeia. Como a situação do vilarejo implica que as pessoas se encontram e interagem com frequência, os diferentes "grupos" não são bem definidos nem autônomos uns dos outros. Além disso, também pode haver laços familiares transnacionais envolvidos, o que complica ainda mais essas relações (por exemplo, americanos dos EUA cujos pais são de Belize e que têm acesso a discursos locais e transnacionais de produção de status).

confrontaram com uma hierarquia simbólica com o espanhol na extremidade inferior do estrato. Quando cada vez mais pescadores falantes de kriol chegaram à ilha para se beneficiar do crescente mercado de exportação de pescado, os padrões de prestígio nacional levaram a elite falante de espanhol/iucateque a mudar parcialmente para o inglês e o kriol (ver também Schneider, 2017d) – o que não significa que o espanhol não seja mais falado, pois muitos moradores da vila ainda se consideram membros de uma 'comunidade espanhola'.

Nas décadas de 1970 e início de 1980, os turistas começaram a chegar à ilha e, hoje, a ilha é bem conhecida no turismo internacional e é particularmente popular entre os mergulhadores. A indústria do turismo trouxe cada vez mais pessoas de outros lugares, tanto turistas quanto aqueles que atendem às necessidades dos turistas. Isso implica um aumento de falantes de formas de inglês reconhecidas internacionalmente (por exemplo, do Reino Unido, EUA ou Canadá) e de falantes de outras línguas de prestígio – entre elas línguas padronizadas internacionais, faladas por migrantes de 'lazer' (por exemplo, proprietários de hotéis da Itália, Alemanha, França, Argentina ou Polônia) e as línguas de trabalhadores sazonais precários e pobres (por exemplo, línguas padronizadas internacionais como o espanhol, mas também outras línguas crioulas ou línguas minoritárias da Guatemala, El Salvador ou Honduras). Como trabalhadores de origens linguísticas diferentes precisam interagir uns com os outros, por exemplo, na hotelaria, os padrões de contato linguístico são frequentes.

Outras fontes de diversidade são o mercado supermercadista, predominantemente nas mãos de chineses, que parecem estar menos envolvidos na mistura familiar transcultural local (veja também abaixo, nota de rodapé 4), e, mais recentemente, o tráfico internacional de drogas. Considerando que as formas de interação informais e não escritas estão associadas ao tráfico de drogas, e que a educação formal não é necessária para uma "carreira" neste negócio lucrativo, os professores relatam que essa rede econômica trouxe um aumento do valor do kriol e um menor interesse na aquisição do inglês formal (ver Schneider, 2017). Ao mesmo tempo, algumas dessas redes funcionam em espanhol, o que também pode levar a um aumento do prestígio[8] dessa língua.

[8] Observe que o exemplo do kriol e do espanhol nas redes de tráfico de drogas ilustra bem que um conceito binário de prestígio "encoberto" e "aberto" não é adequado quando os centros nacionais de administração estatal não são a única fonte de poder.

No geral, a presença de recursos linguísticos diversos nesta pequena ilha se baseia em estruturas político-econômicas onde a ilha funciona como um "nó" em diferentes formas de hierarquias de poder. Portanto, não é apenas a elite nacional que é um centro cultural hegemônico, mas existem relações de poder "policêntricas" (Blommaert, 2010). A policentricidade também impacta no uso simultâneo de vários recursos linguísticos entre falantes individuais. A observação do discurso policêntrico já se encontra nas observações de Le Page e Tabouret-Keller sobre Belize (1985), que argumentavam que a situação complexa de Belize implica múltiplos pontos de "foco". A noção de "foco" aqui se relaciona com o desenvolvimento de uma compreensão compartilhada de formas "corretas" ou "apropriadas" de língua por meio da projeção de grupo (ver, por exemplo, ibid. 181 ff.), e já no relato de Le Page e Tabouret-Keller, os múltiplos tipos de orientação, baseados na presença simultânea de diferentes discursos de grupo, explicam o uso de múltiplos recursos - o que pode impactar na falta de "foco" (ou seja, "difusão", na terminologia dos autores).

Como pode ser inferido da Tabela 1, a maioria das pessoas indica que usa pelo menos três línguas, que são espanhol, kriol e inglês. Aqui é preciso notar que o inglês continua sendo a língua oficial de Belize e, portanto, é usado na educação e na mídia formal (por exemplo, noticiários). O kriol, no entanto, é considerado a língua dos belizenses e um marcador indicial de distinção em toda a região da América Central (ver também Le Page e Tabouret-Keller, 1985). Tanto o inglês quanto o kriol são importantes para marcar a autenticidade nacional e local, e os dois grupos de recursos linguísticos são estruturalmente muito semelhantes, já que o léxico do kriol deriva predominantemente do inglês (por exemplo, Escure, 2013). Dado que nem as fronteiras sociais nem as fronteiras linguísticas são muito claras no cenário geral, e dado que tanto o inglês quanto o kriol têm um prestígio considerável (ver também Schneider, 2021) e são usados frequentemente pela maioria dos residentes, não é surpreendente que a distinção entre ambas as categorias de recursos linguísticos seja turva (como mencionado acima, o espanhol, em contraste, é estigmatizado no discurso nacional e, portanto, tem um papel diferente e muito mais marginal, Schneider, 2021). Os recursos do que é entendido como kriol e do que é entendido como inglês são, portanto, muito próximos e, muitas vezes, a fronteira não é relevante para fins comunicativos nem para fins de indexação de prestígio.

De modo contrário às percepções ocidentais das fronteiras linguísticas, aqui não se pressupõe que as crianças cheguem à escola com a capacidade de usar recursos de uma língua e depois tenham que adquirir outros recursos (normalmente mais formais), mas sim a capacidade de manter os recursos linguísticos separados é descrita como algo que precisa ser adquirido em ambientes escolares formais e sancionados oficialmente. Curiosamente, o termo linguístico "code-switching" (alternância de código) aparece como um termo registrado localmente para se referir a essa habilidade específica, como podemos inferir nesta citação de uma entrevista com um professor local de inglês do ensino médio:

> Porque [kriol] é como a nossa base comum (pausa de 2 segundos).
> Mas devíamos ser capazes (.) de
> Devíamos ser capazes de fazer a troca de códigos (code-switching)
> Devíamos ser capazes, você sabe (2)
> Na medida em que podemos fazer isso (.)
> Então se torna um reflexo de (3)
> Sua classe, a sua (haha) o nível, você sabe
> Onde você está, como você é visto e esse tipo de coisa.

Kriol é descrito aqui como uma "base comum", o que implica que essa língua, até agora usada quase exclusivamente de forma oral e não padronizada, funciona como um indicador de pertencimento nacional em Belize. O pronome "nossa" se refere à comunidade nacional projetada dos belizenses (observe que nem todos os belizenses concordariam com essa afirmação, já que parte da elite econômica nacional se orgulha de não usar kriol). No entanto, como o inglês e o kriol estão tão interligados, a habilidade de "misturar códigos" (code-switching) - aqui usada com o significado específico de ser capaz de produzir formas reconhecidamente diferentes do kriol ou do inglês[9] - é descrita como prestígio social. As ideologias linguísticas que pressupõem que a comunicação verbal deva ocorrer por meio de formas claramente distinguíveis (ou seja, ideologias de purismo) orientam aqui as práticas de educação formal e impactam as práticas simbólicas que indicam hierarquias sociais. O desejo de criar distinção clara se relaciona com a noção de "focar" de Le Page e Tabouret-Keller (1985) e com o trabalho ideológico linguístico

[9] Observe que o trabalho dos sociolinguistas Robert B. Le Page e Andrée Tabouret-Keller, e do aluno de Le Page, Colville Young, que mais tarde se tornou o primeiro-ministro de Belize, é proeminente no discurso educacional de Belize (Young, 1995). Provavelmente, foi por meio desses caminhos que o termo foi registrado no discurso cotidiano (ele também aparece em outras entrevistas em que, por exemplo, as pessoas relatam com orgulho a capacidade de seus filhos de fazer codeswitch).

geral de diferenciação (como discutido em Irvine, 2001, e Gal e Irvine, 2019, cap. 3). O informante se refere explicitamente à noção de "classe", "nível em que você está, como é percebido" e, portanto, constrói uma imagem do social como hierarquicamente ordenado, onde a ideologia linguística desempenha um papel importante. Nesse contexto, é interessante mencionar que também entrevistei dois pescadores idosos que nunca frequentaram a educação formal e que não conseguiram (ou não quiseram) dizer qual língua usam em casa. Simplesmente responderam à pergunta sobre como falam em casa dizendo que usam "mistura". As ideologias de foco e diferenciação podem, portanto, depender de ideais modernistas gerais de formação de categorias claras (discutido em mais detalhes em Schneider 2017a).

Voltando ao argumento geral deste artigo, as observações acima mostram que são as relações históricas e contemporâneas, e não os territórios, que propiciam interação e contato. Perspectivas de urbanização planetária parecem adequadas se considerarmos os múltiplos laços econômicos que esta vila tem com outros lugares (por exemplo, venda de peixes e lagostas para os EUA, turismo internacional, laços familiares com EUA, México ou Guatemala, histórias coloniais...). A interação real nesses laços é o que produz o contato linguístico. No caso da vila belizense apresentada, o contato linguístico é particularmente marcado, o que se relaciona com a história socioeconômica, com práticas de trabalho, atividades comerciais e discursos políticos que produziram mercados sociolinguísticos de policentricidade. Isso resulta em formas acentuadas de alternância translinguística (sancionadas por ideologias linguísticas no sistema educacional). Finalmente, os padrões de contato e "mixing" também podem estar relacionados à situação demográfica da vila, já que as pessoas entram em contato com mais facilidade do que em uma cidade - frequentam a mesma escola primária, vão à mesma igreja, passam o tempo livre juntas em bares ou na rua e, portanto, se veem regularmente[10]. Além disso, o fato de alguns falantes não se referirem às suas práticas linguísticas por um nome formal e dizerem que usam "mixing" sugere que seria importante entender melhor como as categorias linguísticas se constituem discursivamente, como a homogeneidade surge, em vez de supor que é a diversidade que requer explicação (como já implícito nos conceitos

[10] É preciso observar que há, no entanto, falantes que não participam da mesma forma das redes de interação locais, que eram, na época da minha estadia em campo, principalmente os proprietários de supermercados chineses. Isso está relacionado aos padrões locais de discriminação social, mas também ao fato de que os indivíduos chineses geralmente pertencem a redes econômicas transnacionais e não necessariamente planejam ficar para sempre (sobre redes chinesas transnacionais, consulte, por exemplo, Ong 1999).

de foco e difusão de Le Page e Tabouret-Keller e discutido em, por exemplo, Pennycook, 2010, veja Schneider em preparação para uma sugestão provisória de como os discursos construíram línguas em ambientes modernistas europeus).

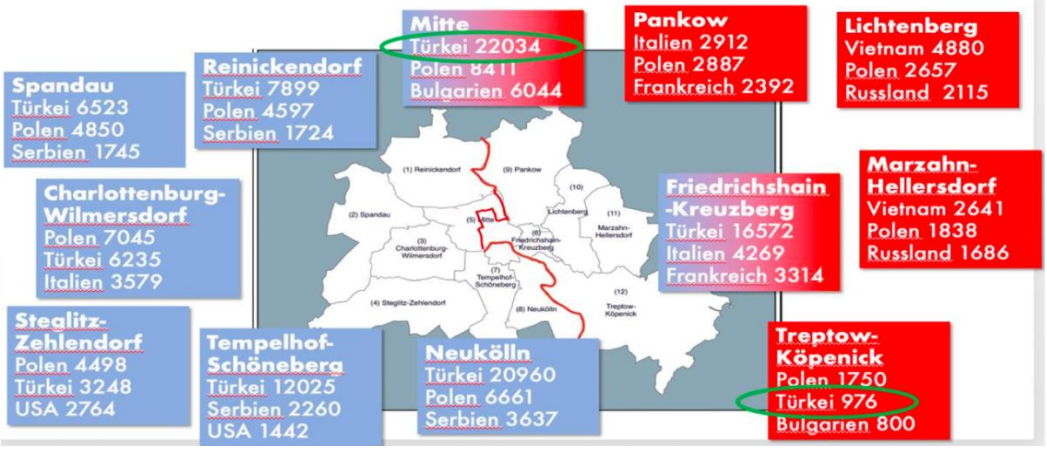
Para melhor compreender os padrões de homogeneidade, a próxima seção se volta para um contexto europeu e urbano, no qual as condições político-econômicas são cruciais para a compreensão do contato, mas também da segregação.

3.2 Homogeneidade na cidade: Padrões de segregação em relação ao Muro de Berlim e ao mercado imobiliário

A seção a seguir fornece "insights" sobre a diversidade linguística na capital alemã, Berlim, com base em dados estatísticos. Embora essa visão macro da língua não substitua um estudo do comportamento linguístico real em redes interacionais (e mesmo que tenhamos que supor que os números estatísticos sejam fortemente influenciados pelo discurso ideológico da língua), os padrões de diversidade da cidade de Berlim são particularmente interessantes por mostrarem como os sistemas político-ideológicos influenciam a presença de recursos linguísticos específicos em um determinado lugar. O Muro de Berlim, que dividiu a cidade até 1989, ainda mostra efeitos consideráveis na composição linguística da população, o que permite ilustrar como os sistemas políticos e os discursos, com suas particularidades conceituais de território, influenciam os padrões de diversidade. Além disso, mostro que a diversidade estatística na escala de "uma cidade" não implica necessariamente diversidade no âmbito local, o ambiente empírico real é que propicia a interação face a face. Nesse contexto, argumento que o mercado imobiliário é outro fator político-econômico que contribui para a composição da diversidade ou homogeneidade local, ou seja, nos processos de difusão e foco.

Observe a imagem 1 abaixo, que mostra o número de residentes em diferentes distritos de Berlim que não possuem passaporte alemão. Como não há pergunta sobre o uso da língua no censo oficial alemão, não posso mostrar aqui números de afiliações linguísticas, mas, pressuponho que o número de residentes não naturalizados de Berlim aponta para o impacto contínuo do Muro de Berlim.

Imagem 1: Números de residentes de Berlim sem passaporte alemão de acordo com o distrito (composição do autor, números baseados em https://www.statistik-berlin-brandenburg.de)



É particularmente revelador considerar o número diferente de pessoas com passaporte turco em diferentes distritos. Os distritos de Berlim são entidades administrativas maiores, cada uma contendo vários subdistritos que eram autônomos administrativamente até 2001. Por exemplo, o distrito de Pankow compreende os antigos distritos de Pankow, Prenzlauer Berg e Weißensee; Mitte é formado pelo antigo Mitte (que pertencia ao leste), Wedding e Tiergarten (anteriormente oeste). Observe que os distritos representados em azul estavam sob domínio capitalista da Alemanha Ocidental e aqueles representados em vermelho sob domínio socialista da Alemanha Oriental. Os representados em duas cores são distritos recém-formados pela união em 2001. A linha vermelha mostra onde ficava o muro antes da reunificação em 1990. Os turcos são o grupo de imigrantes mais dominante em Berlim e chegaram à cidade durante o programa de trabalhadores convidados da Alemanha Ocidental, iniciado na década de 1950 (Terkessidis, 2000). Os números acima são de 2016, mas ainda podemos ver efeitos bem óbvios desse programa. Assim, o maior número de indivíduos com passaporte turco é encontrado nos distritos ocidentais, em Neukölln (20.960) e nas partes ocidentais de Mitte (22.034). No caso de Mitte, apenas menos de um terço da população reside no que antes pertencia ao leste, que é o subdistrito que tradicionalmente leva o nome de Mitte, hoje uma área gentrificada e turística onde poucas pessoas de origem turca vivem, contrastando com os subdistritos ocidentais de Wedding e Tiergarten. No distrito oriental geral de Treptow-Köpenick, são apenas 976 pessoas que possuem passaporte turco (mas observe que menos habitantes vivem em Treptow-Köpenick do que em Mitte). Como só

foi possível para os migrantes turcos se mudarem para os distritos orientais depois de 1990, e como as redes interacionais locais com usuários de recursos linguísticos turcos já haviam sido formadas, o número de pessoas de descendência turca permanece pequeno nesses distritos. Além disso, existe um discurso público que concebe os distritos orientais como tendo formas mais fortes de racismo contra pessoas de ascendência não alemã[11]. Se esses discursos e as práticas relacionadas de violência verbal e corporal têm impacto sobre os padrões demográficos é especulativo, mas bem possível.

O Leste também tem seu histórico de imigração, sendo que os vietnamitas são encontrados em números consideráveis nos distritos orientais de Lichtenberg e Marzahn-Hellersdorf, já que a RDA (República Democrática Alemã) também tinha programas de trabalho temporário, chamados de "Vertragsarbeiter". No entanto, o número total de cidadãos estrangeiros permanece notavelmente baixo nos distritos orientais, em comparação com os distritos ocidentais. O mapa e os números, portanto, ilustram que a diversidade não está simplesmente "na cidade", mas que os padrões particulares de diversidade estão ligados às histórias político-econômicas e às redes translocais-transnacionais resultantes, e muito provavelmente, também às condições discursivas relacionadas que constroem o pertencimento local e, infelizmente, também a exclusão local. Essas condições gerais interagem com o mercado imobiliário e têm o potencial de criar moradias homogêneas mesmo em partes centrais da cidade. Assim, se reduzirmos nossa perspectiva e olharmos os dados de instituições educacionais, podemos ver que os padrões demográficos dos centros urbanos não apenas apresentam diversidade de acordo com a história política, mas também implicam formas de homogeneidade local. A tabela a seguir mostra o número de alunos cujos pais indicam que falam outra língua além do alemão. A secretaria da administração escolar de Berlim não coleta dados sobre recursos linguísticos dos alunos, mas, em vez disso, pergunta aos pais na entrada da escola se alguma outra língua além do alemão é falada na família. Em caso afirmativo, a criança é classificada como ndH ("nicht-deutsche Herkunftssprache", língua materna não alemã). Sendo assim, é óbvio que esses números não apenas produzem uma visão tendenciosa e deficiente da diversidade, mas também são pouco confiáveis (por várias razões

[11] Sobre as histórias de racismo, consulte https://www.tagesspiegel.de/berlin/woher-die-baseballschlaeger-kamen-ist- rechte-gewalt-im-osten-ein-erbe-der-ddr/25182938.html ou, para um relato pessoal sobre o sentimento de insegurança em Berlim Oriental em 2019 (em inglês): https://www.thelocal.de/20191015/who-knew-you-could-feel-so-uncomfortable-in-your-own-sk).

ideológicas relacionadas à língua, que não detalho aqui, mas também por razões financeiras, já que escolas com números "ndH" mais altos recebem mais dinheiro). Entretanto, no momento da redação deste texto, esses números são o único registro estatístico disponível onde os residentes de Berlim são explicitamente questionados sobre recursos linguísticos.

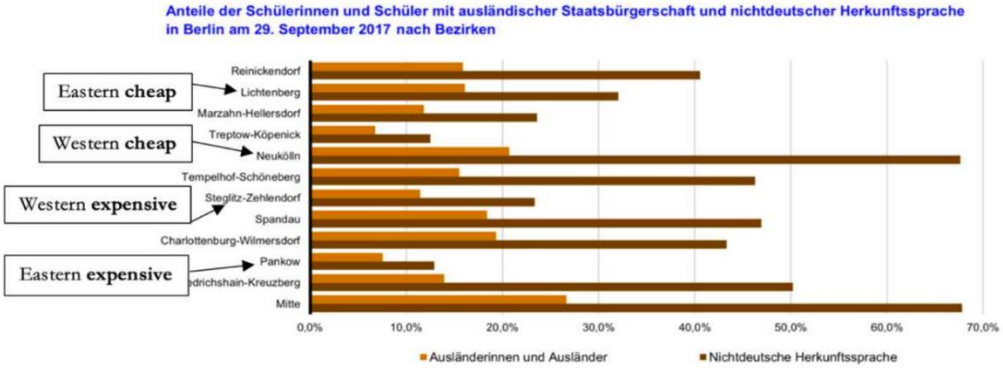
Na Tabela 2 abaixo, vemos, em primeiro lugar, uma imagem semelhante à da imagem anterior (Imagem 1). A diversidade em Berlim não é distribuída uniformemente em todos os distritos, mas pode ser notavelmente diferente em termos de números. Observe que, por exemplo, o maior contraste de porcentagens de alunos classificados como ndH é encontrado entre Mitte, onde no total (Insgesamt) 73,9% dos alunos estão registrados como falantes de língua materna não alemã, e o distrito sudeste de Treptow-Köpenick, onde apenas 8,9% estão registrados como tal (observe que discursos de racismo podem entrar em jogo aqui, pois nem pais nem funcionários da escola podem estar interessados em ter um número alto do que ainda é descrito como "Ausländerkinder" (crianças estrangeiras) no discurso educacional). Além disso, os números interagem com padrões no mercado imobiliário. Sem entrar em detalhes em distritos específicos e sem discutir razões, é um fato bem conhecido que os preços dos aluguéis variam de acordo com os distritos[12]. É interessante observar que os números de ndH interagem não apenas com a demografia anteriormente muito mais homogênea das partes orientais da cidade, mas também com os preços dos aluguéis. Padrões de discriminação étnica no mercado imobiliário, diferentes padrões de participação no mercado de trabalho e, no caso de cidadãos imigrados mais recentemente, possivelmente trajetórias de socialização educacional diferentes ou não reconhecidas, levam a diferentes números de alunos de língua materna não alemã no setor educacional de acordo com os preços dos aluguéis.

Como podemos ver na Tabela 2 abaixo, no distrito oriental de Pankow, menos de 15% parecem ter o status de ndH (observe que o gráfico é de 2017 e os números podem estar mais altos hoje). O distrito de Pankow, no leste de Berlim, é um ambiente de classe média bastante burguês. Houve um número muito alto de imigrantes da Alemanha Ocidental e seu subdistrito de Prenzlauer Berg é particularmente conhecido por formas

[12] Para obter uma visão geral dos preços dos aluguéis em diferentes distritos de Berlim, consulte, por exemplo, https://archiv.berliner-kurier.de/berlin/kiez---stadt/die- aktuellen-mietstandsmeldungen--es-bleibt-ungemuetlich-32111256 - observe que a legislação atual pode alterar alguns dos padrões, pois o governo local de esquerda implementou o chamado Mietpreisbremse em 2020 (quebra do preço do aluguel), consulte https://www.stadtentwicklung.berlin.de/wohnen/mieterfibel/de/m_miete1.shtml.

extremas de gentrificação. Antigamente, o bairro oriental era associado à resistência ao regime da RDA e, em seguida, à cultura punk e de festa dos anos 1990. Hoje, é conhecido por ser bonito e caro, mas também chato, limpo e "spießig" (um termo alemão para ser convencional, amante de regras e quieto)[13]. Isso contrasta, por exemplo, com o distrito de Lichtenberg, no leste de Berlim. Esta parte da cidade fica inteiramente fora do que é conhecido localmente como S-Bahn-Ring (o S-Bahn é um trem elevado de transporte público, e uma de suas linhas corre em círculo). Esse "ring" é percebido como um marcador da fronteira entre distritos populares do centro da cidade e distritos suburbanos menos populares. Lichtenberg está associado a uma história da classe trabalhadora e contém vários bairros com grandes "Plattenbauten" (edifícios pré-fabricados altos e amplos). É, portanto, um distrito menos popular com aluguéis mais baratos. Embora tenha, como Pankow, uma história da RDA, o número de alunos listados como "ndH" é consideravelmente maior, ultrapassando 30%.

Tabela 2: Alunos classificados como estrangeiros (marrom claro) ou como tendo uma língua familiar diferente de alemão (ndH) (marrom escuro), segundo o distrito (https://www.statistik-berlin-brandenburg.de/publikationen/stat_berichte/2019/SB_B01-01-00_2017j01_BE.pdf)



Ao projetar o mesmo olhar para os distritos ocidentais, podemos ver um padrão semelhante com um número total maior de crianças classificadas como "falantes de herança não alemã". O distrito sudoeste burguês e caro de Steglitz-Zehlendorf abriga muitas belas vilas, ruas arborizadas e vários lagos a uma curta distância de áreas residenciais, além de possuir um pouco mais de 20% de ndH. Já o distrito central sul de Neukölln, por outro lado, mostra um padrão muito mais diversificado, pois mais de dois terços das crianças em idade escolar declaram falar outra língua além do alemão em casa

[13] https://www.zeit.de/wissen/geschichte/2018-02/prenzlauer-berg-historie-ddr-opposition-gentrifizierung-berlin- revolte.

(quase 70%). O norte de Neukölln agora faz parte do discurso público sobre gentrificação, pois muitos jovens estudantes, artistas e 'hipsters' falantes de inglês se mudaram para a área norte de Neukölln, perto de Kreuzberg[14]. Contudo, há uma década, essa parte mais central de Neukölln era conhecida pelo que o resto do distrito ainda está associado no discurso público: um ambiente pobre da classe trabalhadora com aluguéis baratos e um grande número de imigrantes e descendentes da Turquia e outros países árabes[15].

É importante observar os níveis de irregularidade ao estudarmos padrões de diversidade. O exemplo abaixo mostra que, mesmo onde os números estatísticos sugerem diversidade, podemos encontrar homogeneidade linguística local. Reduzindo a escala para o nível de distritos escolares individuais, darei um exemplo final de uma escola específica no subdistrito oriental de Friedrichshain-Kreuzberg[16], Friedrichshain. O exemplo indica que o antigo sistema socialista, em combinação com padrões de gentrificação, potenciais impactos do discurso racista e aumento dos preços do mercado imobiliário, pode levar à homogeneidade em partes centrais de Berlim. A seguir, estão os números oficiais de alunos registrados como "ndH" em uma escola primária específica (onde o distrito geral tem uma porcentagem oficial de "ndH" de cerca de 50%, veja Tabela 2).

Tabela 3: Homogeneidade étnica em uma escola primária no distrito central de Friedrichshain, em Berlim (https://www.berlin.de/sen/bildung/schule/berliner-schulen/schulverzeichnis/schuelerschaft.aspx?view=ndh)

Pettenkofer-Grundschule - 02G04

Schülerinnen und Schüler

Nichtdeutsche Herkunftssprache 2019/20

Schülerinnen und Schüler	Schülerinnen und Schüler nichtdeutscher Herkunftssprache			
Insgesamt	Schülerinnen	Schüler	Insgesamt	Insg. in %
596	28	33	61	10,2

[14] Há também um debate público sobre o uso crescente do inglês nessa parte de Neukölln; consulte: https://www.zeit.de/2017/50/berlin-neukoelln-englisch-hipster-cafe-praxistest.
[15] Estatísticas recentes mostram que Neukölln continua sendo um distrito com renda particularmente baixa. https://www.berliner- woche.de/pankow/c-soziales/armutsgefahr-in-neukoelln-am-hoechsten_a199123.
[16] Há também um discurso público sobre o uso crescente do inglês nessa parte de Neukölln; consulte https://www.zeit.de/2017/50/berlin-neukoelln-englisch-hipster-cafe-praxistest.

Como mostra a Tabela 3, no ano letivo de 2019/2020, havia apenas 61 crianças (10,2%) do total de quase 600 que declararam usar outra língua além do alemão em casa. O distrito escolar específico é um bairro do leste de Berlim, Samariterkiez, que abrigava muitos edifícios vazios após a reunificação alemã e, devido aos bombardeios da Segunda Guerra Mundial, ainda havia vários espaços vazios maiores entre os edifícios até o início de 2010. A área atraiu um movimento de ocupação de esquerda étnica alemã, orientada pela resistência, na década de 1990, que se mudou para alguns dos edifícios vazios e aproveitou a relativa liberdade e espaço. Com o aumento dos preços do mercado imobiliário, muitos apartamentos novos (e caros) foram construídos rapidamente após 2010[17]. As condições e os valores dos novos edifícios aparentemente continuam a reproduzir interseções alemãs de etnia e classe, onde o discurso público alemão normalmente constrói a origem não-alemã como ligada à precariedade social (ver Koopmanns, 2001 e Tanager, 2019). Isso pode ter efeitos materiais, pois os números de "ndH" nesta escola específica sugerem que cerca de 90% das famílias com crianças neste bairro (agora caro) afirmam que o alemão é sua única língua familiar. Além disso, é preciso mencionar que a escola primária pública retratada acima possui um programa escolar alternativo Montesorri, o que provavelmente reforça a divisão étnica, pois é particularmente popular entre famílias de classe média alemãs matricularem seus filhos em escolas com estilos de ensino alternativos[18].

Voltando ao argumento geral deste artigo, ao contrário da afirmação frequentemente ouvida de que as cidades são diversas e envolvem práticas de contato linguístico, mistura de línguas e criatividade linguística, vemos aqui que algumas partes das cidades têm um potencial de segregação social que está, em seus fundamentos, relacionado a condições político-econômicas. No caso da escola primária apresentada acima, sistemas políticos, mercado imobiliário, históricos de assentamento local,

[17] O choque entre a cultura de esquerda estabelecida e os investidores imobiliários gerou vários conflitos, discussões e manifestações. https://www.tagesspiegel.de/berlin/mai-demonstration-in-berlin-polizei-fuerchtet-ausschreitungen- in-der-rigaer-strasse/24253138.html.

[18] É difícil provar essa afirmação estatisticamente, pois não apenas as escolas particulares, mas também as estaduais, utilizam métodos de ensino alternativos, de modo que não há números sobre quantas crianças nas escolas alemãs experimentam tais métodos. A alegação se baseia em experiências pessoais e na observação de que, entre 1992 e 2018, houve um aumento de 81% nas escolas particulares, que geralmente têm abordagens alternativas (consulte https://www.spiegel.de/lebenundlernen/schule/privatschueler-zahl-der-privatschulen-steigt- weiter-a-1246918.html) e a frequência está claramente relacionada à renda e à formação educacional dos pais, consulte, por exemplo, https://www.diw.de/documents/publikationen/73/diw_01.c.610567.de/18-51-1.pdf.

discursos de racismo e aspirações educacionais de famílias de classe média interagem para produzir um espaço monolíngue no qual crescem crianças que têm poucas oportunidades de experimentar a diversidade linguística.

Se falarmos de "língua na cidade", temos que reconhecer que existem formas desigualmente divididas de diversidade estatística na cidade que estão interrelacionadas com histórias político-econômicas locais. É importante prestar atenção aos diferentes graus de irregularidade[19] e olhar para distritos da cidade, bairros ou distritos escolares, pois essas diferentes escalas são relevantes para compreender a demografia da diversidade referente à segregação social ou desigualdade econômica. Também é relevante observar que a homogeneidade linguística, pelo menos no caso de Berlim, parece estar associada ao privilégio social.

E ainda assim, considerando o argumento feito anteriormente de que o contato linguístico acontece em redes interacionais, não em lugares, ainda sabemos pouco sobre o comportamento linguístico real das pessoas que vivem em bairros ou ruas específicas. A fim de entender melhor os padrões de interação, faz sentido abordar as redes interacionais dos falantes e não apenas os lugares onde moram (nos quais os indivíduos geralmente desenvolvem redes interacionais principalmente por meio de instituições). Na próxima seção, escolhi uma comunidade de prática local específica (Eckert e Mcconnell-Ginet, 1998) que, apesar de sua orientação urbana, inserção transnacional e visão cosmopolita, mostra fortes tendências a produzir padrões de homogeneidade.

3.3 Monolinguismo em inglês na Cultura do Café de Terceira Onda: Vínculos comunitários transnacionais através do comércio

A comunidade de prática que enfoco nesta seção é constituída como parte da chamada Cultura do Café de Terceira Onda, uma tendência contemporânea em locais ao redor do mundo, ligada a um estilo de vida urbano e associada a outras práticas elitistas de consumo de alimentos (Heyd e Schneider, 2019; Saraceni, Schneider e Bélanger, 2021, Schneider, 2021). O tipo específico de café consumido aqui é chamado de café especial, e as orientações culturais desse ambiente têm sido descritas como elitistas e excludentes, ao mesmo tempo em que produzem discursos que se conformam às exigências de valores

[19] Agradeço a Lars Bülow por ter me indicado esse fato.

igualitários e democráticos, enfatizando, por exemplo, condições ecológica e socialmente justas de produção do café (Cotter e Valentinsson, 2018). Os vínculos transnacionais entre comunidades locais de prática podem ser descritos como constituindo uma "comunidade de conhecimento" (Blommaert 2018, p. 73), pois há um conhecimento compartilhado de códigos de conduta, simbolismo cultural e uso linguístico entre as comunidades locais. A distribuição desse conhecimento se explica por meio de práticas linguísticas digitais, redes comerciais transnacionais e eventos (por exemplo, campeonatos de barista, "festivais de café", etc.). Existe uma surpreendente similaridade translocal nas cafeterias de Terceira Onda em termos de mobiliário, design e produtos vendidos. A produção de homogeneidade cultural aqui não se baseia em etnia compartilhada e nem é co-construída por instituições governamentais, mas em atividades econômicas (produção, distribuição, venda e consumo de café) e em uma compreensão compartilhada de valores culturais relacionados. Os atores aqui se engajam em práticas de iteração (Pennycook, 2010; Wirth, 2002) e, portanto, produzem homogeneidade cultural, onde o prestígio não depende de instituições administrativas oficiais, mas está relacionado aos discursos neoliberais globais de sucesso econômico (que hoje normalmente envolvem discursos de empreendedorismo social e/ou consciência ecológica – o foco da Terceira Onda recai sobre as demandas ecológicas e apoio social para, por exemplo, os cafeicultores desfavorecidos).

Em termos de língua, o uso do inglês desempenha um papel proeminente nesta comunidade de conhecimento. O inglês é utilizado não apenas como uma língua franca transnacional para comunicação além das fronteiras nacionais, mas também localmente, pelo menos na comunidade de prática de Berlim. O ponto de partida para este projeto de pesquisa foi a observação de que determinados cafés e torrefações no centro de Berlim têm uma forte tendência a possuir nomes em inglês (por exemplo, Coffee Circle, The Barn ou Five Elephants), vender produtos com nomes em inglês (ou ítalo-inglês) (por exemplo, Flat White, Iced Latte) e que, em muitos desses cafés, os funcionários preferem usar inglês em vez de alemão ou não são competentes no uso desta língua. Não é incomum que os clientes tenham que pedir seu café em inglês (como documentado em várias localidades através de observação participante). No verão de 2017, a predominância do inglês nesses ambientes gastronômicos de Berlim provocou um debate público ideológico sobre línguas. Jornais locais (Kräge, 2017; Schlagenwerth, 2015), mas também nacionais

(Spahn 2017) e até internacionais (Oltermann, 2017; Rose, 2017), relataram a insatisfação de (alguns) consumidores alemães com a suposição de que a competência para pedir em inglês é necessária nesses contextos, levando a manchetes como "Hilfe, mein Kellner versteht mich nicht mehr!" (Socorro! Meu garçom não me entende mais) (Thalmann, 2017).

Existem várias razões para a inscrição particularmente robusta do inglês na cena cafeeira de Berlim. Como elaborei com mais detalhes em outros lugares (Heyd e Schneider, 2019), existem fatores históricos: informantes relatam que a cultura do café da Terceira Onda foi primeiramente instaurada na Austrália e na costa oeste dos EUA. O inglês pode ser considerado a língua da população "fundadora" (Mufwene, 1996) desse fenômeno cultural. Além disso, nas redes econômicas interacionais responsáveis pela existência e venda de café especial, o inglês tem sido usado como língua franca desde os anos 1980. Ademais, festivais internacionais de café (como o Berlin Coffee Festival) ou campeonatos de baristas (por exemplo, https://worldbaristachampionship.org) tipicamente ocorrem em inglês. Além disso, pode-se supor que o discurso sobre o inglês como uma língua associada ao neoliberalismo e ao sucesso econômico (Warriner, 2016) motiva consumidores e funcionários a usar recursos do inglês para desempenhar um tipo particular de identidade cosmopolita, educada e economicamente bem-sucedida.

Um dos eventos centrais para a cena local é o Berlin Coffee Festival (https://berlincoffeefestival.de/en/). A citação a seguir é de uma entrevista com um membro da equipe de uma das torrefações de café da Terceira Onda mais bem-sucedidas e prestigiadas de Berlim. Na época da entrevista, ele era responsável por organizar os eventos da empresa durante o Coffee Festival. Como pode ser inferido da citação, esses eventos – degustações de café (cuppings), discussões e palestras – ocorriam em inglês. O ponto interessante na citação abaixo é que o informante precisa de vários segundos para pensar se os eventos ocorrem ou não em inglês, hesitação esta que revela sua falta de consciência sobre dominância do inglês neste cenário berlinense (veja Schneider, 2021, para a citação original em alemão):

> Britta: Os eventos são todos em inglês?
> Entrevistado: (3)
> Britta: Bem
> Entrevistado: Estou tentando (.) tenho que pensar se (pausa de 1 segundo) Também temos (pausa de 2 segundos). Algum que não seja em inglês (pausa de 2 segundos). Acabei de passar pela lista com os

> eventos que planejamos para o Berlin Coffee Festival. Não há nenhum evento que podemos dizer que será em alemão.

Os valores específicos da comunidade e a inserção internacional dessa rede interacional produzem um contexto relativamente homogêneo em termos de uso linguístico. Esse tipo de homogeneidade linguística também está ligado ao privilégio social, similar às observações feitas na seção anterior, já que os participantes desse meio social não só possuem acesso aos recursos linguísticos para atender à exigência do inglês, mas também são economicamente privilegiados, pois gastam tempo e dinheiro em cafeterias ou trabalham como funcionários com a competência cultural e linguística adequada. Dessa forma, pode-se questionar de maneira mais geral se o desenvolvimento de ambientes linguística e culturalmente homogêneos está entrelaçado com o acesso a recursos educacionais e econômicos, em outras palavras, com o poder.

No contexto do argumento que quero apresentar neste artigo, são novamente as condições político-econômicas que impactam o surgimento desse espaço social monolíngue (que está inserido em um contexto territorial transnacional e complexo). É por causa das relações comerciais internacionais que surge uma comunidade transnacional de "amantes do café" com ideais específicos, mas aparentemente compartilhados globalmente, relacionados ao consumo da bebida (que muitas vezes está ligada a outras práticas culturais homogêneas associadas, como roupas, consumo de alimentos ou uso de marcas específicas de dispositivos eletrônicos). A interação digital certamente é relevante para que essa homogeneidade emerja em diferentes configurações geográficas, pois somente através da comunicação digital se explica a transmissão dessas práticas. A necessidade de uma língua franca transnacional é relevante aqui, assim como ideologias linguísticas particulares que produzem uma imagem dos recursos linguísticos do inglês como ligados ao sucesso econômico e avanço cultural. Apesar da cultura do café de terceira onda ser um fenômeno urbano, não é um ambiente que possa ser descrito como linguisticamente diverso ou que faça uso proeminente de fenômenos translíngues (com exceções, veja por exemplo Schneider, 2021, para um exemplo de "mixing" de inglês e alemão no menu de uma cafeteria). Ao contrário, o fato de a comunidade de conhecimento ter se tornado uma prática não étnica, econômica e transnacional, gerou comunidades locais de prática com forte tendência monolíngue. O território da cidade, devido à sua densidade demográfica e complexidade cultural, tem potencial para

especialização e, portanto, para segregação social e homogeneidade – mesmo em populações que não fazem parte de redes tradicionais, densas e territorialmente baseadas, mas que são móveis em linhas internacionais e se entendem como cosmopolitas e culturalmente flexíveis (sobre tipos monolíngues de ideologia cosmopolita, veja Schneider, 2017a).

3.4 Kölsch: rituais de construção de lugar local, resistência política e comercialização em Colônia

Como exemplo final, volto-me para a cidade de Colônia, no oeste da Alemanha, que possui pouco mais de um milhão de habitantes. É lar de práticas linguístico-culturais particulares que demonstram que as cidades não apenas têm potencial para bairros monolíngues (ver 3.2) ou para localizações de comunidades monolíngues transnacionais de consumo (ver 3.3), mas que o status discursivamente construído das cidades como "centrais" pode gerar uma maior estabilidade da forma da língua e padrões mais lentos de mudança linguística. Isso é particularmente evidente se, como no caso de Colônia, houver um metadiscurso sobre a importância da língua local - o Kölsch - que aqui faz parte de um ritual cultural específico que está indexicamente entrelaçado com a construção do pertencimento local (sobre a indexação linguística do pertencimento local, ver, Johnstone e Kiesling 2008).

Para entender as práticas linguísticas urbanas de Colônia, é importante considerar as festividades específicas do carnaval da cidade. O carnaval é um elemento crucial nos discursos locais de pertencimento. Durante uma semana em fevereiro ou março, todo o centro da cidade fica repleto de moradores e turistas celebrando o evento, que não se limita a desfiles, mas também contém o importante elemento de "Kneipenkarneval" (carnaval de bar). Durante o "Kneipenkarneval", os bares locais se transformam em locais de celebração e os participantes se fantasiam para cantar e dançar juntos. Tradicionalmente, grande parte das músicas tocadas nos bares são de bandas locais que se expressam no dialeto da região. Não são apenas canções antigas e tradicionais, mas a cada ano surgem novas canções que se alinham com as formas contemporâneas de música popular e comercial. As bandas que criam essas músicas não são compostas por cantores idosos, mas há aparições regulares de novas bandas, que lembram mais bandas pop do

que músicos folclóricos tradicionais (embora principalmente dominadas por homens). O quadro seguinte é um trecho da música "Kölsche Jung" (menino de Colônia) da banda "Brings", composta em 2013. Desde a sua primeira publicação, a música é uma das canções de carnaval locais muito populares, tocada regularmente durante o "Kneipenkarneval" anual. O videoclipe oficial oferece uma visão relevante do estilo musical e de roupa, indexando a identidade local, mas não tradicional, e uma orientação para a cultura pop (ver https://m.youtube.com/watch?v=DcNPqsWPbD8).

Kölsch (original)	**German (padrão)**	**Português**
Deutsch Unterricht, dat wor nix för mich Denn ming Sprooch die jof et do nit „Sprech ödentlich" hät de Mam jesaht Di Zeuchniss dat weed keene Hit Ich sprech doch nur ming eijene Sproch Wuss nit, wat se vun mir will Ejhal wat ich saachen dät, et wor verkeht Denn ich ben nur ne Kölsche Jung Un mie Hätz, dat litt mer op d'r Zung Op d'r Stross han ich ming Sprooch jeliehrt Und jedes Wort wie tätowiert op minger Zung Ich ben ne Kölsche Jung ... Hück ben ich jlöcklich, dat ich et kann Uns Sprooch, die mäht uns doch us Mor hürt schon von Wiggem Wenn eener Kölsch schwaad Do föhl ich mich direkt zu Hus Wemmer se spreche, dann läävt se noch lang Dann jeht se och niemols kapott Uns Sprooch iss en Jeschenk Vom leeve Jott	Deutsch Unterricht, das war nichts für mich Denn meine Sprache die gab es dort nicht „Sprech ordentlich" hat die Mutter gesagt Das Zeugnis, das wird kein Hit Ich sprech doch nur meine eigene Sprache Wusste nicht was sie von mir will Egal was ich sagte, es war verkehrt Denn ich bin nur ein Kölner Junge Und mein Herz, das liegt mir auf der Zunge Auf der Straße habe ich meine Sprache gelernt Und jedes Wort wie tätowiert auf meiner Zung Ich bin ein Kölner Junge ... Heute bin ich glücklich, dass ich es kann Unsere Sprache, die macht uns doch aus Man hört schon von Weitem Wenn einer Kölsch redet Da fühl ich mich direkt zu Haus Wenn wir sie sprechen, dann lebt sie noch lang Dann geht sie niemals kaputt Unsere Sprache ist ein Geschenk Vom lieben Gott	Lição de Alemão, não era pra mim Porque a minha língua não estava lá "Fale direito" disse a minha mãe As notas não vão ser boas Eu só falo a minha própria língua Não sabia o que ela queria de mim, não importava o que eu dissesse, estava errado Porque sou apenas um menino de Colônia E meu coração está na minha língua É nas ruas que aprendi a minha língua E cada palavra tatuada na minha língua Sou um menino de Colônia ... Hoje estou feliz por poder falá-la A nossa língua é o que nos faz Dá para ouvir de longe Se alguém fala Kölsch Eu me sinto em casa imediatamente Se a falarmos, ela viverá por muito tempo Então, ela nunca se separará A nossa língua é um presente Do bom Deus

A letra da música é interessante tanto pela forma quanto pelo conteúdo. Alguns dos aspectos linguísticos diferem do alemão padrão e, ainda assim, para evitar o nacionalismo metodológico, não devemos considerar apenas a língua padrão nacional como ponto de referência[20]. Seria interessante comparar as características dessa letra com o alemão, o holandês e com formas mais antigas do baixo alemão ou do médio alemão. Como o alemão padrão é a língua usada em contextos públicos, mídia e educação em Colônia (para uma visão geral do desenvolvimento histórico das variedades do alemão, veja, König, ElspAß e Möller, 2015), ainda faz sentido examinar as diferenças entre o alemão padrão e o Kölsch. Existe um sistema vocálico distinto do Kölsch que as letras representam, o que implica vogais mais fechadas do que o alemão padrão - o /a/ padrão é realizado como /ɔ/ e /y/ como /œ/. Existem monotongos em vez dos ditongos padrão (alemão padrão auf como op); também há diferenças no uso de consoantes (oclusivas realizadas como fricativas - alemão padrão lieb como leeve ou como glides - alemão padrão glücklich como jlöcklich) e encontramos lexemas diferentes (por exemplo, schwaden para sprechen). Mesmo sem uma análise linguística mais detalhada, podemos argumentar que a letra dessa música se diferencia do alemão padrão e apresenta características do baixo alemão. Pessoas acostumadas aos recursos linguísticos do alemão padrão não necessariamente conseguirão decodificar seu conteúdo[21].

Considerando que Colônia não é um destino rural, mas urbano, essas características parecem incomuns como formas não padronizadas tão marcantes (embora estejam presentes em ambientes mais periféricos como, por exemplo, na zona rural do norte da Alemanha, no Sudoeste ou na Baviera. Para uma breve análise dos dialetos alemães, consulte, Göttert, 2011). Pode-se supor que os rituais anuais de carnaval de Colônia são fundamentais para entender essas práticas públicas e urbanas de manutenção da língua, onde as formas são reproduzidas em eventos sociais de dança e canto e em apresentações musicais populares e contemporâneas. Além dessas práticas linguísticas, as performances das bandas não estão associadas às tradições locais, mas parecem mais alinhadas, por exemplo, ao rock, ska ou pop, de forma que o uso do Kölsch tradicional aqui não faz parte de um campo indicial (cf. Eckert, 2008) de tradições históricas,

[20] Agradeço a Ferdinand von Mengden por esse importante comentário.

[21] A capacidade de decodificar essas formas depende da trajetória individual de aquisição de língua. A propósito, é interessante mencionar que a autora deste artigo cresceu em um local a cerca de 160 km de Colônia e não conseguiu entender a letra da música quando a ouviu pela primeira vez. A distribuição dessas formas do dialeto é territorialmente limitada.

aparentemente imutáveis, mas apropriado em um discurso contemporâneo de festas, cultura musical comercial do dia a dia, "descolados" e diversão.

No nível do conteúdo, o idioma é o tópico principal da canção acima (e, de modo mais geral, o Kölsch também é mencionado com frequência em outras canções de carnaval de Colônia, como, por exemplo, canções das bandas "Querbeat", "Cat Ballou", "Kasalla" e "Höhner". A música cria uma estreita relação indexical de pertencimento local e uso da língua - "se alguém fala Kölsch, eu me sinto em casa" - mas também, em uma associação estereotipada, de orientação social. A língua não é usada na escola, mas é aprendida "op dr Stroß", "nas ruas". As conexões entre as emoções pessoais e esses recursos linguísticos são expressas metaforicamente: "meu coração está na minha língua". Encontramos a imagem ilustrativa de palavras que são "tatuadas" na língua, reforçando o conceito de uma relação intensa entre o falante e o uso de itens lexicais específicos ao evocar uma imagem háptica e corporificada. Os discursos de ameaça à língua são indiretamente mencionados - "se a falarmos isso, ela viverá", mostrando o status potencialmente precário dessa variedade local, apesar de sua popularidade na cultura do carnaval e na música popular. Isso pode ser uma indicação de que devemos interpretar as formas linguísticas acima como um tipo de estilização (Coupland, 2001), usada na apresentação de uma música, mas não necessariamente na interação cotidiana. No entanto, há falantes (aparentemente mais idosos e não acadêmicos) que usam essas formas em conversas cotidianas (comunicação pessoal e Sommerhage, 2019). Pode-se presumir que a reprodução dessas formas na conversação cotidiana é influenciada pela preservação e pela reencenação de recursos linguísticos nas músicas e nos rituais de carnaval que as acompanham (especialmente o canto conjunto em eventos).

No contexto do argumento de que as práticas linguísticas nas cidades, no nível de redes específicas, podem exibir padrões de homogeneidade e estabilidade, o exemplo demonstra que a reprodução de formas vernáculas e locais não é, mais uma vez, estranha às economias sociolinguísticas das cidades (o que, é claro, foi demonstrado em pesquisas dialetais anteriores; veja, por exemplo, Kallmeyer 1987 para uma visão geral). A popularidade das características dialetais tradicionais do Kölsch pode ser um exemplo inspirador para práticas eficazes no apoio a outras línguas minoritárias, onde vemos uma reformulação bem-sucedida do discurso em que a forma local e não-padrão do idioma não está associada à cultura "tradicional" (antimoderna, pré-industrial ou agrícola). O

exemplo também mostra que o uso linguístico deve ser estudado em relação às práticas culturais, pois o ritual do carnaval é claramente corresponsável pela manutenção dessas formas.

Como nos outros exemplos apresentados, o discurso político-econômico interage com os aspectos culturais e sociais que entram em jogo nos rituais de carnaval em Colônia. Há vários fatores político-econômicos que (a) explicam o desenvolvimento histórico e a existência do carnaval no contexto local e que (b) reforçam o uso contínuo da variedade local nele. Em primeiro lugar, há o desenvolvimento do carnaval como tal. As celebrações de carnaval têm uma longa história nas culturas europeias (consulte, por exemplo, Matheus, 1999) e têm a função tradicional de colocar as ordens sociais de cabeça para baixo por um período específico (para uma consideração semiótica do carnaval e do carnavalesco em relação ao pensamento bakhtiniano, consulte, por exemplo, Lachmann, 1988). No caso de Colônia, muitas das práticas locais estão ligadas a lutas políticas e históricas com as potências militares francesas e prussianas, que, como atores em transformação na supressão das elites locais, tornaram-se objeto de ridicularização (Rundfunk Berlin-Brandenburg, 2020). Assim, o disfarce tradicional de Colônia para os participantes masculinos do carnaval é um uniforme falso, imitando os soldados franceses (para ver imagens, pesquise na Internet, Kölner Karneval Uniform) e há rituais de dança que tiram sarro dos desfiles militares (por exemplo, o Stippeföttche, em que as apresentações militares prussianas são ironicamente imitadas; veja, por exemplo, https://www.koelner- karneval.info/stippefoettche ou YouTube para ver exemplos). Mesmo que hoje em dia nem todos os participantes estejam cientes dessas histórias, a função tradicional do carnaval de questionar a ordem social continua em vigor. A tradição de resistência política por meio da prática do carnaval continua fazendo parte de algumas das músicas de carnaval (há mensagens políticas em muitas músicas relacionadas a uma crítica dos sistemas capitalistas ou declarações antirracistas explícitas).

No entanto, e esse é o segundo aspecto econômico político relacionado a esses rituais culturais, é claro que o carnaval também é relevante nas economias financeiras reais e, nesse sentido, talvez reforce mais do que questione a ordem social local. No ano

de 2019, a economia local faturou cerca de 631 milhões de euros com as celebrações[22] de carnaval. A produção de músicas de carnaval e, com isso, a reprodução de formas linguísticas vernáculas, está ligada a motivações econômicas muito concretas. De modo concomitante, a economia local não relacionada ao carnaval também está ligada às tradições carnavalescas. A associação a uma das prestigiadas sociedades carnavalescas de Colônia foi descrita como crucial para fazer parte da elite política e empresarial local e, portanto, para a realização de projetos econômicos ou políticos em Colônia. As redes semipúblicas que aqui se desenvolveram são chamadas de "Kölner Klüngel" (consulte Überall, 2007) e foram discutidas como estando em risco de praticar formas de corrupção (para uma análise sociológica, consulte também Scheuch e Scheuch, 1992). Embora não se possa presumir que as apresentações musicais e as práticas de canto e dança nos eventos carnavalescos estejam envolvidas nessas "Klüngel", a existência dessas redes, juntamente com seu interesse político e econômico, pode ser interpretada como corresponsável pela estabilidade da prática cultural do "Kölner Karneval" e, portanto, indiretamente, também pela popularidade contínua das formas de discurso vernacular local. Devido à sua centralidade percebida, mas provavelmente também devido às suas capacidades financeiras reais e à sua relativa institucionalização nas sociedades, o poder político e econômico dessas redes pode implicar um alto potencial de estabilidade e reprodução (mais do que redes menores em vilarejos mais periféricos). Novamente, isso desafia a suposição popular de que o contato e a mudança é o que geralmente domina a vida linguística na cidade.

4. Discussão: Apagamentos sociolinguísticos urbanos e urbanidade como um campo aurático

Depois de apresentar quatro exemplos diferentes que fornecem uma base empírica para um questionamento crítico de perspectivas monolíticas e pouco teorizadas sobre a diversidade linguística urbana, resumo as consequências teóricas e metodológicas gerais dessas observações e discuto algumas razões epistemológicas e afetivas para a popularidade da língua e da imaginação da cidade na sociolinguística atual.

[22] https://www.sueddeutsche.de/wirtschaft/wirtschaft-koeln-karneval-wird-als-wirtschaftsfaktor-wichtiger-dpa.urn-newsml- dpa-com-20090101-191110-99-664784

Um questionamento crítico do "urbano" como algo que necessariamente implica em experiências de diversidade formou o ponto de partida para as análises acima. Argumentei que precisamos questionar o que realmente constitui o urbano e que a interação acontece em redes que, devido às produções de diferença social, não estão necessariamente disponíveis ou acessíveis de maneira uniforme em um único lugar. Isso é ainda menos verdadeiro se considerarmos as práticas de comunicação digital. Além disso, as perspectivas que encontramos em conceitos como urbanização planetária dificultam o estabelecimento de uma linha divisória rígida entre demografia, economia e práticas linguísticas nas cidades e nas áreas rurais. Ao mesmo tempo, os discursos sobre urbanidade podem ter impacto sobre as práticas linguísticas e sua percepção. Esses discursos de formação de prestígio estão fundamentalmente ligados à economia política. O que é percebido como modelo ideal em diversas formas de práticas culturais (por exemplo, idioma, vestuário, práticas de lazer, padrões de consumo...) geralmente deriva de centros urbanos, que são centros de elites políticas e econômicas. E, como alguns dos exemplos acima indicaram, parece que o acesso ao poder político e econômico está inter-relacionado com as práticas de homogeneidade e a capacidade de manter a forma do idioma. Assim, além dos contextos de fato existentes de diversidade, contato e mistura (muitas vezes ilustrados com referência a ambientes de classe baixa, como mercados de alimentos, canteiros de obras ou cozinhas de restaurantes, consulte, por exemplo, Pennycook e Otsuji 2015), as práticas linguísticas em redes que se localizam em ambientes urbanos claramente também reproduzem a homogeneidade, a normatividade e a padronização. Os exemplos acima de homogeneidade em um distrito escolar central de Berlim, do uso do inglês e das práticas de consumo na cultura transnacional do café da Terceira Onda e nas práticas de carnaval de Colônia ilustraram esses potenciais urbanos. O uso de um inglês bastante padronizado no texto que você está lendo neste exato momento pode ser considerado outro exemplo da interação entre privilégio social, homogeneidade linguística e estilo de vida urbano, já que a academia está localizada em lugares que percebemos como cidades. Um enfoque limitado no espaço urbano como diverso apaga essas inter-relações. Também apaga o fato de que precisamos diferenciar as escalas quando estudamos a diversidade linguística - embora haja claramente diversidade na escala de uma cidade, isso precisa ser diferenciado das práticas linguísticas individuais e das práticas dentro ou entre redes específicas. Moradores urbanos com

formação acadêmica, por exemplo, podem não ser muito criativos e experimentais em sua fala, em contraste com muitos falantes multilíngues e mais precários, e há redes sociais muito distintas nas cidades com diferentes inclinações para a diversidade, a mistura e a mudança. As conceitualizações de lugar podem ter relevância diferente em redes distintas, o que será um campo de pesquisa interessante no crescente número de redes transnacionais.

O exemplo de uma aldeia bastante heterogênea mostrou que a diversidade, o translinguismo e a dinâmica de contato são bem possíveis em redes não urbanas. É a história econômica política que explica por que as hegemonias políticas, juntamente com suas relações de signos hegemônicos, são registradas ou reproduzidas - ou não, como no caso dessa aldeia de Belize, onde um complexo de diferentes relações de poder não levou ao surgimento de estruturas hegemônicas. Assim, de modo geral, as redes interacionais aparecem sob condições sociopolíticas específicas e em relação a motivações econômicas particulares (e a mídia interage com essas condições e motivações) (por exemplo, considere que a existência do estado-nação está ligada à cultura de impressão, veja, por exemplo, Anderson 1985). Uma suposição a priori de que territórios específicos são diversos ou não é enganosa e esconde que as formações político-econômicas subjacentes são corresponsáveis pelo desenvolvimento da prática e da forma linguística em redes interacionais. Se estivermos interessados em padrões de contato ou estabilidade, a proximidade territorial é apenas um aspecto (e não necessariamente o mais central) na interação entre os seres humanos, embora os conceitos discursivos de lugar continuem sendo altamente relevantes em muitas ideologias e práticas linguísticas.

Nesse contexto, as abordagens sociolinguísticas que simplesmente afirmam que a "diversidade" é encontrada "na cidade[23]" correm o risco de reproduzir tacitamente as epistemologias modernistas da língua e do espaço social. Nessas epistemologias, e relacionadas aos discursos de nacionalismo, os grupos que usam determinados recursos

[23] Às vezes, a suposição de que as cidades implicam em experiências de diversidade não é explicitada nos títulos, mas parece estar tacitamente implícita. Os títulos que enfocam a cidade como linguisticamente diversa são, por exemplo: o Sociolinguistic Symposium 19 em Berlim em 2012 sobre Language and the City, Block 2006 (Multilingualism in a global city: London stories), Extra e Yağmur 2001 (Urban multilingualism in Europe: Mapping linguistic diversity in multicultural cities), Kraus 2011 (The multilingual city. The cases of Helsinki and Barcelona), Pennycook e Otsuji 2015 (Metrolingualism. Language in the city), Siemund et. al 2013 (Multilingualism and language contact in urban areas), Siemund e Leimgruber 2020 (Multilingual global cities: Singapore, Hong Kong, and Dubai), Smakman e Heinrich 2018 (Urban sociolinguistics. The city as process and experience), Stevenson 2017 (Language and migration in a multilingual metropolis).

linguísticos são construídos como residentes em determinados territórios (veja, por exemplo, Blommaert e Verschueren 1998). Em tais ideologias linguísticas nacionais, esses grupos são conceituados como monolíngues (sobre o monolinguismo como ideologia, consulte, por exemplo, Gramling 2016). Nos discursos mais recentes sobre a diversidade linguística na cidade, não se presume mais que existam territórios monolíngues - e, no entanto, a ideia subjacente de que são os territórios que abrigam recursos linguísticos específicos (nesse caso, uma diversidade de recursos em um território) continua em vigor. No entanto, como vimos nos exemplos acima, espaços tão pequenos como "uma cidade", "um bairro" ou até mesmo um prédio de apartamentos podem abrigar diferentes práticas linguísticas, algumas delas implicam heterogeneidade e mudança, outras não. Não é o espaço em si que tem impacto sobre essas práticas. A "cidade" geralmente é diversificada em termos estatísticos na escala da entidade administrativa, mas isso não implica necessariamente em experiências de língua. Isso não implica necessariamente em experiências de diversidade para todos que vivem na cidade. São os vínculos sociais que as pessoas constroem que são relevantes para entender os padrões de contato ou os padrões de segregação, em que os discursos sobre o lugar geralmente, mas nem sempre, desempenham um papel importante. Portanto, temos que levar em conta as redes sociais reais dos falantes (muitas vezes envolvendo laços não locais), temos que levar em conta o papel das instituições sociopolíticas que contribuem para a criação de lugares e normas linguísticas, e temos que levar em conta as práticas econômicas, as histórias sociais, os discursos e as tecnologias (que estão embutidos em motivações econômicas - veja Anderson 1985), como impacto nas redes interacionais e nas escolhas linguísticas.

Para estudar a prática real do idioma na vida real, os meios etnográficos que consideram os processos de formação de rede são uma abordagem metodológica central (veja também Blommaert e Rampton 2011, veja, por exemplo, Pennycook e Otsuji 2015: Cap. 2 para uma visão empírica de como as redes podem surgir em relação às práticas econômicas). Sem pretender que a lista a seguir seja exaustiva, os fatores empíricos que afetam os padrões diferenciais de contato linguístico em ambientes locais (que hoje em dia são frequentemente translocais) são a incorporação institucional, especialmente por meio de instituições educacionais, atividades de trabalho e outras práticas econômicas, atividades de lazer, práticas de mídia, ideologias linguísticas e valores comunitários, e

práticas de gênero para formar relacionamentos sociais, que interagem com ideologias sociais ou religiosas. Todas essas atividades e discursos criam laços sociais específicos, locais, nacionais e transnacionais. Se estudarmos as práticas linguísticas que surgem com base nesses vínculos, devemos considerar, conforme explicado acima, que particularmente as redes com acesso a recursos simbólicos ou econômicos podem incluir potenciais específicos para construções de estabilidade, pureza e normatividade. Ao mesmo tempo, podemos nos perguntar se a construção social de "viver na cidade" implica inclinações específicas para ideologias que incluem maior abertura para a mudança cultural e a diversidade (consulte também Britain, 2017) e, portanto, impacto no comportamento linguístico dentro de um discurso de modernidade "urbana".

Em uma reflexão metadisciplinar de nosso campo, o discurso social sobre a vida urbana como colorida e animada, como promotora e celebradora da diversidade, também pode ser relevante para entender a popularidade do tópico dentro da sociolinguística. Nas palavras de Jürgen Spitzmüller, nos discursos acadêmicos, conceitos ou contextos específicos podem desenvolver uma "aura" (Spitzmüller,2019) que "brilha" sobre aqueles que os usam ou estudam. Spitzmüller discute isso em relação à concepção geral do espaço público e argumenta que construções particulares do público "não só têm valor social, mas também exalam valor social e, portanto, contextualizam a personalidade acadêmica e suas identidades disciplinares". (ibid.: 506). Ele chama essas produções de valor social de "campos auráticos" e argumenta que "essas construções estão intimamente relacionadas a ideologias disciplinares, como ideologias de criatividade (Wilf 2014) ou autenticidade (Bucholtz 2003: 404-407), e conceitos prestigiosos da disciplina, como diversidade e variabilidade". (ibid.). O estudo da língua na cidade e da cidade como um espaço diversificado e criativo pode ser facilmente interpretado de acordo com essas linhas. Portanto, embora seja claramente relevante estudar a vida urbana, não devemos nos esquecer de refletir sobre os valores sociais e as ideologias que têm impacto em nossos próprios caminhos de estudo. Os possíveis pontos cegos que podem surgir da reprodução acrítica do campo aurático de uma sociolinguística da diversidade urbana são, por exemplo, o apagamento da diversidade não urbana, o apagamento da homogeneidade urbana ou o apagamento das reproduções acadêmicas de discursos nos quais os ambientes rurais são imaginados como periféricos, como pertencentes ao "passado", em contraste com as cidades como vanguarda (ignorando também que as elites urbanas desempenham

um papel central nos padrões de exploração capitalista, colonização ou danos ambientais). Quando não somos críticos em relação às nossas escolhas de sujeitos de pesquisa, também podemos perder o ponto de vista de que os padrões de homogeneidade podem estar ligados a práticas específicas de exclusão dos socialmente privilegiados (pelo menos em ambientes ocidentais com um histórico de conceitos modernistas nos quais a homogeneidade/pureza foi construída como ideal). E, por fim, também podemos perder de vista como nós, como pesquisadores, reproduzimos o privilégio social ao celebrar a figura aurática do "outro" urbano diverso, não apenas reforçando hegemonias urbanas neoliberais, mas também apagando nossas próprias práticas linguísticas que, em sua maioria, são constantes reencenações da normatividade linguística e textual.

5. Conclusão

O conceito de "cidade" é um tema altamente popular nas pesquisas recentes. Embora seja difícil definir o que realmente a constitui e como pode ser distinguida do espaço não urbano, atualmente costuma ser conceituada como um centro de multilinguismo, superdiversidade, contato linguístico, mistura de línguas e prática translinguística. Uma reflexão crítica sobre a relação entre a prática do idioma, o espaço (como território concreto) e o lugar (como discurso que constrói a afiliação social) mostrou que não é o espaço territorial concreto que afeta o uso linguístico, mas os laços sociais que os falantes desenvolvem - onde os discursos de lugar podem ter uma relevância diferente. No desenvolvimento de redes sociais, a economia política desempenha um papel primordial.

Os quatro estudos de caso empíricos apresentados acima ilustraram que a homogeneidade e a reprodução de padrões tradicionais de normatividade podem ser encontradas em locais urbanos. Tanto o contato/diversidade quanto a homogeneidade/estabilidade se inter-relacionam com práticas político-econômicas e histórias translocais dessas práticas. Vale acrescentar que as elites sociais parecem ter uma chance maior de reproduzir formas que são percebidas como normativas e homogêneas, e, como essas elites sociais são frequentemente associadas à urbanidade, o potencial para

homogeneidade pode ser ainda maior em locais urbanos do que em rurais.[24] Para entender esses padrões e relações, é importante diferenciar conceitos como diversidade e também multilinguismo de acordo com a escala, na qual a irregularidade (por exemplo, espaço nacional ou urbano, redes sociais, práticas individuais) da nossa perspectiva traz diferentes significados para esses termos.

O espaço territorial e o "estar na cidade" desempenham apenas um papel indireto e discursivamente mediado, pois são relevantes para a prática linguística somente por meio de discursos institucionais, culturais, sociais e econômicos. E, como foi elaborado na seção de discussão, a popularidade do tema da urbanidade na sociolinguística pode ser interpretada como epistemologicamente relacionada a conceitos territoriais de língua que derivam do discurso nacional. Em vez de pressupor um território nacional monolíngue, imagina-se um território urbano multilíngue. Por fim, é provavelmente o apelo do urbano e sua "aura" que brilha sobre nós como pesquisadores que contribui para a reprodução dessa figura mítica.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. London: Verso, 1985.

BAUER, Thomas; ZIMMERMANN, Klaus F. *Network migration of ethnic Germans*. International Migration Review, v. 31, p. 143-149, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press, 2012.

BECK, Ulrich; BONSS, Wolfgang; LAU, Christoph. *The theory of reflexive modernization: problematic hypotheses and research programme*. Theory, Culture & Society, v. 20, p. 1-33, 2003.

BLOCK, David. *Multilingual identities in a global city: London stories*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006.

BLOMMAERT, Jan. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, Jan. *Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity*. Bristol: Multilingual Matters, 2013.

[24] Isso também se reflete no fato de que as línguas padrão nacionais geralmente se baseiam em variedades urbanas.

BLOMMAERT, Jan. *Chronotopes, scales and complexity in the study of language in society*. Tilburg Papers in Culture Studies, n. 121, 2015.

BLOMMAERT, Jan. *Durkheim and the Internet: sociolinguistics and the sociological imagination*. London: Bloomsbury, 2018.

BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. *Language and superdiversity*. Diversities, n. 13, p. 1-21, 2011.

BLOMMAERT, Jan; VERSCHUEREN, Jef. *The role of language in European nationalist ideologies*. *In*: SCHIEFFELIN, Bambi B.; WOOLARD, Kathryn A.; KROSKRITY, Paul V. (Eds.). Language ideologies: practice and theory. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 189-210.

BRENNER, Neil; SCHMID, Christian. *Planetary urbanisation*. *In*: GANDY, Matthew (Ed.). Urban constellations. Berlin: Jovis, 2011. Disponível em: http://www.urbantheorylab.net/publications/planetary-urbanization/. Acesso em: 03 jul. 2024.

BRENNER, Neil; SCHMID, Christian. *Planetary urbanization*. *In*: BRENNER, Neil (Ed.). Implosions/explosions: towards a study of planetary urbanization. Berlin: Jovis, 2014a, p. 160-165.

BRENNER, Neil; SCHMID, Christian. *The 'Urban Age' in question*. International Journal of Urban and Regional Research, v. 38, p. 731-755, 2014b.

BRITAIN, David. *'Big bright lights' versus 'green and pleasant land'?: The unhelpful dichotomy of 'urban' versus 'rural' in dialectology*. *In*: AL-WER, Enam; DE JONG, Rudolf (Eds.). Arabic dialectology. Leiden: Brill, 2009, p. 223-247.

BRITAIN, David. *Which way to look? Perspectives on urban and rural in dialectology*. *In*: MONTGOMERY, Chris; MOORE, Emma (Eds.). Language and a sense of place: studies in language and region. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 171-187.

BRITAIN, David. *Counterurbanisation and its consequences for traditional dialect*. Languages in Urban Spaces Presentation held at CSLS Workshop December 11 to 13, 2019 (University of Bern), 2019.

BUCHOLTZ, Mary. 2003. "Sociolinguistic nostalgia and the authentication of identity". Journal of Sociolinguistics, v. 7, p. 398-416.

BULMER-THOMAS, Victor. 2012. The economic history of the Caribbean since the Napoleonic Wars. Cambridge: Cambridge University Press.

CANAGARAJAH, Suresh. *Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations*. London: Routledge, 2013.

CHO, Jinhyun. Neoliberalism and the global spread of English: a Korean case. *In*: SCHNEIDER, Britta; HEYD, Theresa (Eds.). *Bloomsbury World Englishes: Paradigms*. London: Bloomsbury, to appear.

COTTER, William; VALENTINSSON, Mary-Caitlyn. Bivalent class indexing in the sociolinguistics of specialty coffee talk. *Journal of Sociolinguistics*, v. 22, p. 1-27, 2018.

COUPLAND, Nikolas. Dialect stylization in radio talk. *Language in Society*, v. 30, p. 345-375, 2001.

CREESE, Angela; BLACKLEDGE, Adrian. Translanguaging in the bilingual classroom: a pedagogy for learning and teaching? *The Modern Language Journal*, v. 94, p. 103-115, 2010.

DECKER, Ken. *The song of Kriol: a grammar of the Kriol language of Belize*. Belize City: Belize Kriol Projekt, 2013. Disponível em: http://www.sil.org/system/files/reapdata/20/99/21/20992139271472124394945438780794345365/The_Song_of_Kriol_UnicodeElectronic2013.pdf. Acesso em: 12 set. 2016.

DERICKSON, Kate D. Urban geography I: locating urban theory in the 'urban age'. *Progress in Human Geography*, v. 39, n. 5, p. 647-657, 2015.

DOĞRUÖZ, A. Seza; GRIES, Stefan Th. Spread of on-going changes in an immigrant language: Turkish in the Netherlands. *In*: PÜTZ, Martin; ROBINSON, Justyna A.; REIF, Monika (Eds.). *Cognitive sociolinguistics: social and cultural variation in cognition and language use*. Amsterdam: Benjamins, 2014, p. 161-185.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of Practice: where language, gender and power all live? *In*: COATES, Jennifer (Ed.). *Language and gender: a reader*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 484-494.

EDGELL, Zee. *Time and the river*. London: Heinemann, 2007.

ESCURE, Geneviève. Belizean Creole structure dataset. *In*: MICHAELIS, Susanne Maria et al. (Eds.). *Atlas of Pidgin and Creole Language structures online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: http://apics-online.info/contributions/9. Acesso em: 19 out. 2016.

EXTRA, Guus; YAĞMUR, Kutlay. Urban multilingualism in Europe: mapping linguistic diversity in multicultural cities. *Journal of Pragmatics*, v. 43, p. 1173-1184, 2011.

GAL, Susan. Language and political spaces. *In*: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (Eds.). *Language and space: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: de Gruyter, 2009, p. 33-50.

GAL, Susan; IRVINE, Judith T. *Signs of difference: language and ideology in social life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

GAL, Susan; WOOLARD, Kathryn A. *Languages and publics: the making of authority*. Manchester: St.Jerome, 2001.

GARCÍA, Ofelia; WEI, Li. *Translanguaging: language, bilingualism and education*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

GOMOLL, Mati. *Caye to success: a biography of Antonio Lorenzo Vega, Sr*. Xlibris, 2003.

GÖTERT, Karl-Heinz. *Alles außer Hochdeutsch: ein Streifzug durch unsere Dialekte*. Berlin: Ullstein, 2011.

GRAMLING, David. *The invention of monolingualism*. New York: Bloomsbury, 2016.
GUMPERZ, John. The speech community. *In*: DURANTI, Alessandro (Ed.). *Linguistic anthropology: a reader*. Oxford: Blackwell, 2001, p. 43-52.

HELLER, Monica; DUCHÊNE, Alexandre. Pride and profit: changing discourses of language, capital and nation-state. *In*: HELLER, Monica; DUCHÊNE, Alexandre (Eds.). *Language and late capitalism: pride and profit*. New York: Routledge, 2012, p. 1-20.

HEYD, Theresa; SCHNEIDER, Britta. *Postcolonial English: varieties around the world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. The community of practice: Theories and methodologies in language and gender research. Language in Society, v. 28, p. 173-183, 1999.

IRVINE, Judith T. "Style" as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

IRVINE, Judith T.; GAL, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. *In*: DURANTI, Alessandro (Ed.). *Linguistic anthropology: a reader*. Oxford: Wiley Blackwell, 2009. p. 402-434.

JASPERS, Jürgen. The transformative limits of translanguaging. *Working Papers in Urban Language & Literacies*, n. 226, p. 1-17, 2017.

JOHNSTONE, Barbara. Language and geographical space. *In*: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (Eds.). *Language and space: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: de Gruyter, 2009. p. 1-18. Disponível em: https://doi.org/10.1515/9783110220278.

JOHNSTONE, Barbara; KIESLING, Scott F. Indexicality and experience: Exploring the meanings of /aw/-monophthongization in Pittsburgh. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, p. 5-33, 2008.

JONAS, Andrew E.G.; McCANN, Eugene; THOMAS, Mary. *Urban geography: a critical introduction*. Oxford: Wiley, 2015.

JØRGENSEN, J. Normann et al. Polylanguaging in Superdiversity. *Diversities*, p. 23-38, 2011.

KALLMEYER, Werner. Stadtsprache als ein Schwerpunkt soziolinguistischer Forschung in Europa. *In*: AMMON, Ulrich; MATTHEIER, Klaus J.; NELDE, Peter H. (Eds.). *Brennpunkte der Soziolinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1987. p. 80-99.

KÖNIG, Werner; ELSPAß, Stephan; MÖLLER, Robert. *dtv-Atlas Deutsche Sprache*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2015.

KOOPMANS, Ruud. Deutschland und seine Einwanderer: ein gespaltenes Verhältnis. *Blätter für deutsche und internationale Politik*, v. 2, p. 1-28, 2001.

KRÄGE, Sophia. Spricht Ihre Kneipe noch deutsch? *Berliner Kurier*, 13 ago. 2017. Disponível em: http://www.berliner-kurier.de/28161546. Acesso em: 08 jul. 2024.

KRAUS, Peter A. The multilingual city. The cases of Helsinki and Barcelona. *Nordic Journal of Migration Research*, v. 1, p. 25-36, 2011.

LABOV, William. The social stratification of (r) in New York City department stores. In: LABOV, William (Ed.). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 43-69.

LACHMANN, Renate. Bakhtin and carnival: culture as counter-culture. *Cultural Critique*, n. 11, p. 115-152, 1988.

LE PAGE, R. B.; TABOURET-KELLER, Andrée. *Acts of identity. Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. Disinventing and reconstituting languages. *In*: MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair (Eds.). *Disinventing and reconstituting Languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007. p. 1-41.

MATHEUS, Michael. *Fastnacht – Karneval im europäischen Vergleich*. Stuttgart: Steiner, 1999.

MERRIFIELD, Andy. The urban question under planetary urbanization. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 37, p. 909-922, 2012.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1987.

MUFWENE, Salikoko S. The Founder Principle in creole genesis. *Diachronica*, v. 13, p. 83-134, 1996.

OLTERMANN, Philip. Berliners frustrated over restaurants where no German is spoken. German MPs say some waiters only speak English and that it ostracises native population from life in the capital. *The Guardian*, 14.08.2017. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2017/aug/14/berlin-restaurants-german-english. Acesso em: 09 mar. 2020.

ONG, Aihwa. *Flexible citizenship. The cultural logics of transnationality*. Durham: Duke University Press, 1999.

PENNYCOOK, Alastair. *Language as a local practice*. London: Routledge, 2010.

PENNYCOOK, Alastair; OTSUJI, Emi. *Metrolingualism. Language in the city*. London: Routledge, 2015.

ROSE, Eleanor. Berliners frustrated over restaurants where no German is spoken. *Evening Standard*, 15.08.2017. Disponível em: https://www.standard.co.uk/news/world/berliners-frustrated-over-restaurants-where-no-german-is-spoken-a3612426.html. Acesso em: 09 mar. 2020.

RUNDFUNK BERLIN-BRANDENBURG. *Kölner Karneval*. *Preußen – Chronik eines deutschen Staates*. RUNDFUNK BERLIN-BRANDENBURG, 2020. Disponível em: https://www.preussenchronik.de/begriff_jsp/key=begriff_k%25f6lner+karneval.html. Acesso em: 09 mar. 2020.

SARACENI, Mario; SCHNEIDER, Britta; BÉLANGER, Christine. to appear. "'Brexit' and the postnational dimension of English in Europe." *In*: KIRKPATRICK, Andy (Ed.). *Routledge Handbook in World Englishes*. London: Routledge.

SASSEN, Saskia. *Cities in a world economy*. Thousand Oaks, Calif.: Pine Forge Press, 1994.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Defining place attachment: a tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, v. 30, p. 1-10, 2010.

SCHEUCH, Erwin K.; SCHEUCH, Ute. *Cliquen, Klüngel und Karrieren*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1992.

SCHLAGENWERTH, Michaela. Sprachalarm in Berlin. Kreuzkölln spricht Englisch. *Berliner Zeitung*, 02.01.2015. Disponível em: http://www.berliner-zeitung.de/kultur/sprachalarm-in-berlin-kreuzkoelln-spricht-englisch-3420132. Acesso em: 09 mar. 2020.

SCHNEIDER, Britta. First and second modern language ideologies, cosmopolitan discourses of English and the emergence of new social hierarchies in transnational contexts. *Multilingua*, v. 6, p. 679-702, 2017a.

SCHNEIDER, Britta. It's Kriol they're speaking!' – Constructing language boundaries in multilingual and ethnically complex communities. *Bulletin VALS-ASLA: Bulletin suisse de linguistique appliquée*, p. 63-73, 2017b.

SCHNEIDER, Britta. Kaleidoscopes of indexicality – multiplex symbolic functions of language and unfocused social categories. *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, v. 9, p. 8-24, 2017c.

SCHNEIDER, Britta. Lobster, tourism and other kinds of business. Economic opportunity and language choice in a multilingual village in Belize. *Journal of Language and Intercultural Communication* (Special Issue 'Language, Mobility and Work', ed. by Melissa Moyer), p. 390-407, 2017d.

SCHNEIDER, Britta. *Liquid languages. Polymorphous acts of identity and the fluidity of language categories in linguistically complex Belize*. Em preparação.

SCHNEIDER, Britta. Language in transnational communities of consumption – indexical functions of English in Third Wave Coffee Culture. In: MÜHLEISEN, Susanne; RÜDIGER, Sofia (Eds.). *Talking about food: the local and the global in eating communities*. Amsterdam: Benjamins, 2020.

SCHNEIDER, Britta. Spanish in the face of Kriol prestige – language ideological observations on the role of Spanish in Belize. In: LEUNG, Glenda-Alicia; LOSCHKY, Miki; LEUSMANN, Harald (Eds.). *When Creole and Spanish collide: language and cultural contact in the Caribbean*. Leiden/Bosten: Brill, a aparecer.

SCHNEIDER, Britta. Creole prestige beyond modernism and methodological nationalism – multiplex patterns, simultaneity and non-closure in the sociolinguistic economy of Belize. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 2021.

SHOMAN, Assad. *A history of Belize in 13 chapters*. Belize City: Angelus Press, 2011.

SIEMUND, Peter; GOGOLIN, Ingrid; SCHULZ, Monika; DAVYDOVA, Julia (Eds.). *Multilingualism and language contact in urban areas. Acquisition – identities – space – education*. Amsterdam: Benjamins, 2013.

SIEMUND, Peter; LEIMGRUBER, Jakob. *Multilingual global cities: Singapore, Hong Kong, and Dubai*. Singapore: Routledge, 2020. Multilingual Asia series.

SIMMEL, Georg. 1903. "Die Grosstädte und das Geistesleben." In: PETERMANN, Th. (Ed.). *Die Grossstadt. Vorträge und Aufsätze zur Städteausstellung*. Dresden: Jahrbuch der Gehe-Stiftung Dresden. Disponível em: https://www.gsz.hu-berlin.de/de/gsz/zentrum/georg-simmel/die-grossstaedte-und-das-geistesleben.

SMAKMAN, Dick; HEINRICH, Patrick (Eds.). *Urban Sociolinguistics. The city as a linguistic process and experience*. Milton Park: Routledge, 2018a.

SMAKMAN, Dick; HEINRICH, Patrick. *Urban sociolinguistics. The city as a linguistic process and experience*. Milton Park: Routledge, 2018b.

SMITH, Neil; LOW, Setha (Eds.). *The politics of public space*. London: Routledge, 2006.

SOMMERHAGE, Marie. 2019. "„Sprache und Identität" in Hinblick auf den Kölschen Dialekt." Trabalho de conclusão de curso não publicado, Europa Universität Viadrina.
SPAHN, Jens. 2017. "Sprechen Sie doch deutsch!" *DIE ZEIT*, 24.08.2017.

SPITZMÜLLER, Jürgen. 2019. Sociolinguistics going 'wild': the construction of an auratic field. *Journal of Sociolinguistics* (Special Issue: The Sociolinguistics of Public Dominance, ed. by Theresa Heyd and Britta Schneider), v. 23, p. 502-520.

STEVENSON, Patrick. 2017. *Language and migration in a multilingual metropolis. Berlin lives*. Basingstoke: Palgrave.

TANAGER. 2019. "Learning to be German. Immigration and language in Berlin." In: HEYD, Theresa; MENGDEN, Ferdinand von; SCHNEIDER, Britta (Eds.). *The Sociolinguistic Economy of Berlin*, p. 73-93.

TERKESSIDIS, Mark. *Migranten*. Hamburg: Rotbuch Verlag, 2000.

THALMANN, Rüdiger. 2017. "Hilfe, mein Kellner versteht mich nicht mehr!" *Berliner Kurier*, 13.08.2017. Disponível em: http://www.berliner-kurier.de/28157934.

ÜBERALL, Frank. *Der Klüngel in der politischen Kultur Kölns*. Bonn: Bouvier, 2007.

WARRINER, Doris S. 2016. "'Here, without English, you are dead': ideologies of language and discourses of neoliberalism in adult English language learning." *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 37, p. 495-508.

WESTON, Daniel. 2015. "The lesser of two evils: Atypical trajectories in English dialect evolution." *Journal of Sociolinguistics*, v. 19, p. 671-687.

WILF, Eitan Y. 2014. "Semiotic dimensions of creativity." *Annual Review of Anthropology*, v. 43, p. 397-412.

WILK, Richard. *Home cooking in the global village*. Oxford: Berg, 2006.

WIMMER, Andreas; GLICK SCHILLER, Nina. 2002. "Methodological nationalism and beyond: Nation-state building, migration and the social sciences." *Global Networks*, v. 2, n. 4, p. 301-334.

WIRTH, Uwe. 2002. "Der Performanzbegriff im Spannungsfeld von Illokution, Iteration und Indexikalität." In: WIRTH, Uwe (Ed.). *Performanz. Zwischen Sprachphilosophie und Kulturwissenschaften*, p. 9-60. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

YOUNG, Colville. *Language and education in Belize*. Belize City: C.N. Young, 1995.

SOBRE O TRADUTOR

Anderson Lucas da Silva Macedo: Linguista com doutorado cotutela em Estudos de Linguagem (UFF e Universität Viadrina), especializado no estudo das variedades linguísticas e identidades culturais. Sua pesquisa de doutorado focou no Kaaps, uma variedade do Afrikaans falada pela comunidade Coloured da Cidade do Cabo, explorando as ideologias linguísticas e a valorização das diferentes variedades de Afrikaans. Atualmente, realiza um pós-doutorado sobre a representatividade linguística e cultural dos descendentes de imigrantes germânicos de Niterói, com um enfoque nas atitudes linguísticas e nos fatores geracionais. É bolsista nota 10 da FAPERJ e segue na Universidade Federal Fluminense.